

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

VINICIUS DA SILVA MARTINS

**EXPERIÊNCIA DE VIDA E FORMAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA
BRINCADEIRA DE BOI-DE-MAMÃO**

CRICIÚMA

2022

VINICIUS DA SILVA MARTINS

**EXPERIÊNCIA DE VIDA E FORMAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA
BRINCADEIRA DE BOI-DE-MAMÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA

2022

VINICIUS DA SILVA MARTINS

**EXPERIÊNCIA DE VIDA E FORMAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA
BRINCADEIRA DE BOI-DE-MAMÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, 29 de Novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestrado em Educação - (UNESC) -
Orientadora

Prof^a. Amalhene Baesso Reddig - Mestrado em Educação - (UNESC)

Prof. Mikael Miziescki - Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade - (UNIVILLE)

**A todos aqueles que tiveram suas histórias
cruzadas com a do Boi-de-mamão.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que cruzaram minha história e me marcaram positivamente, agradeço meus mestres, amigos e família. Agradeço à professora Silemar por ter acreditado em mim e me guiado e orientado nessa jornada acadêmica. Agradeço a cada artista, brincante e educador que compartilha comigo os mesmos sentimentos e o sonho de ver um mundo mais colorido através do Boi-de-mamão. Agradeço à Professora Lenita e ao Projeto Boi de Mamão na Comunidade por todas as oportunidades e ensinamentos. Agradeço ao Mestre Zé do Boi por ser símbolo de resistência Cultural e um exemplo a ser seguido quando se trata de educação popular. Agradeço à Cátia e a todos os alunos na Casa da Fraternidade pela oportunidade de poder aprender e evoluir como ser humano através da troca de saberes. E agradeço à minha parceira de palcos, salas de aulas e da vida Quet Silva, por sempre ter acreditado em mim e ter me feito perceber que a vida pode ser mais leve e colorida se trilharmos ela seguindo nossos sonhos.

Educar no boi-de-mamão é o coroamento de sua trajetória e dos sujeitos envolvidos; é perceber que nesta trajetória muitos espaços foram sendo construídos e conquistados, muitos desapareceram e muitos outros estão por vir.

Nado Gonçalves

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema as experiências de vida e formação resultantes das reflexões a partir da brincadeira de Boi-de-mamão, considerando as narrativas autobiográficas de quem se faz aprendiz de professor de Arte. Caminho pela autobiografia, criando narrativas em que analiso minhas experiências de vida como brincante, artista, aprendiz de professor, pesquisador e coordenador de boi-de-mamão além de analisar a partir de Josso (2004), Câmara Cascudo (2001), Martins, Picosque e Guerra (2010), Dolarécio Soares (1978/2006), Elza de Mello Fernandes (2008), entre outros, as possíveis contribuições geradas. Entre apresentar as metodologias e corpo teórico, vou buscando compreender os significados de folclore, cultura popular e folguedo dialogando diretamente com a história e origem do Boi-de-mamão e fazendo uma conexão com o lúdico e fantasioso presente deste folguedo popular. Evidencio um percurso que me leva para a licenciatura em Artes Visuais, junto às experiências de professor e artistas geradas pelo projeto de extensão Boi-de-Mamão na comunidade, projetos de estágios obrigatórios, grupos de Boi-de-mamão em escolas da comunidade, Instituição Casa da Fraternidade e grupo de Teatro e Boi-de-mamão Cultura Mamoneira. Experiências essas, que auxiliam a responder à questão problema desta pesquisa: quais as possíveis contribuições desta brincadeira na formação dos sujeitos que com ela se envolvem, considerando as narrativas autobiográficas de quem se faz aprendiz de professor de Arte. Apresento uma proposta de curso para professores da rede pública como exigência deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras-chave: Boi-de-mamão. Formação de Professores. Arte. Ensino da Arte. Cultura Popular.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 1: Boi-de-Mamão da Casa da Fraternidade - Araranguá/SC - 2021
- Imagem 2: Eu e meu irmão brincando
- Imagem 3: Eu e Sila na 13ª Bienal de Artes do Mercosul - 2022
- Imagem 4 - Boi da Escola Heriberto Hulse no III Encontro de Bois de Mamão da Unesc - 2018
- Imagem 5: Apresentação do estandarte do Boi do Heriberto no Criciúma Shopping - 2018.
- Imagem 6: Apresentação do Urso e Macaco na escola São Bento, Criciúma - 2018.
- Imagem 7: Às garotas de cabelos loiros e colorido - 2018
- Imagem 8: Boi e Vaqueiro se apresentando para escola convidada no Heriberto Hulse. 2018
- Imagem 9: Doutora do Heriberto aplicando a injeção. 2018
- Imagem 10: Urubu na apresentação no Colégio São Bento. 2018
- Imagem 11: Bruxa do Heriberto benzendo o Boi. 2018
- Imagem 12: Cavaleira do Heriberto Laçando o Boi no 4º Encontro de Bois de Mamão da Unesc - 2018.
- Imagem 13: Imagem 13: Vaqueiro e Maricota dançando na Praça Nereu Ramos Criciúma/SC - 2019
- Figura 14: Cabra do Boi do Heriberto no evento Primavera e Paz, Quintas Culturais - 2014
- Imagem 15: Bernúncia do Heriberto se apresentando em intercâmbio escolar. 2018
- Imagem 16: Música de despedida do Boi do Heriberto na festa Junina do Criciúma Shopping - 2018.
- Imagem 17: Eu como urubu no 3º Encontro de Bois de Mamão da Unesc. 2017
- Imagem 18: Boi do Heriberto Hulse na Praça do Congresso, Criciúma/SC - 2017.
- Imagem 19 - Max, Lenita e Sila fazendo uma fala sobre o projeto antes da apresentação. 2018

- Imagem 20: Vaqueiro correndo atrás do Urubu no 3º Encontro de Bois de Mamão da Unesc - 2017
- Imagem 21: Vaqueiro dançando com o Boi em um ensaio - 2019
- Imagem 22: Macaco e Urso no Encontro de Bois de Mamão do Ibiraquera - 2018.
- Imagem 23: Vini e Quet puxando o cortejo do Boi-de-mamão do Morro Chato.
- Imagem 24 - Encontro com a professora Juliana para confecção da cabeça do Boi da escola Unesc - 2019.
- Imagem 25: Boi do Colégio Unesc na 27ª Festa de Inverno do Colégio Unesc.
- Imagem 26: Curta “A Fuga do Boi” no Youtube
- Imagem 27: Apresentação do Boi-de-mamão da Serafina na Festa da Família de 2022.
- Imagem 28: Professor Marcos dançando como o Boi na festa da Família do Ceja de Criciúma, 2022.
- Imagem 29: Oficina ministrada por Max e Vini na Praça do estudante, Unesc.
- Imagem 30: Zé do Boi visita a sala Z1 na Unesc. 2019.
- Imagem 31: Oficina ministrada pelo Mestre Zé do Boi na Escola E.E.B Morro Chato. 2022.
- Imagem 32: Max, Zé do Boi e Bolsistas do Boi se preparando para uma visita à comunidade. 2022.
- Imagem 33: Ensaio do Boi-de-mamão do Morro Chato, Turvo/SC, 2022.
- Imagem 34: Apresentação do Cultura Mamoeira para a turma de Ed. Infantil da escola E.M.E.B. Casemiro Stachurski– 2021.
- Imagem 35: Urubu vai bicar o Boi enquanto o Dotô tenta revivê-lo. 2022.
- Imagem 36 - Grupo Folclórico Boi de Mamão do Heriberto, formação de 2022.
- Imagem 37: Estandarte e Boi-de-mamão da Casa da Fraternidade.
- Imagem 38: Cultura Mamoneira se apresentando na escola EebPe Miguel Giacca- 2021.
- Imagem 39: Apresentação do Cultura GiaccaMamoeira. 2021.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEJA	Centros de Educação de Jovens e Adultos.
CONSU	Conselho Universitário.
EMI	Ensino Médio Inovador.
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.
BNCC	Base Nacional Comum Curricular.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA: A AUTOBIOGRAFIA.	13
1.2 MAPEANDO OS CAPÍTULOS: COM QUEM DIALOGAR.	15
2 BOI-DE-MAMÃO EM SANTA CATARINA: NARRATIVAS QUE SE CRUZAM..	17
2.1 QUE HISTÓRIA É ESSA?.....	19
2.2 INFÂNCIA, LUDICIDADE, FANTASIA: CONEXÕES COM A BRINCADEIRA DO BOI.....	25
3 A ADOLESCÊNCIA E O ENVOLVIMENTO COM O BOI-DE-MAMÃO	29
3.1 MINHA VEZ DE BRINCAR	42
3.2 QUANDO O VAQUEIRO DÁ O TOM: AUTORIA E AUTONOMIA	48
4 O CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA E O BOI-DE-MAMÃO	51
4.1 O PROJETO DE EXTENSÃO: BOI-DE-MAMÃO NA COMUNIDADE	51
4.2 O RETORNO ÀS ESCOLAS: EXPERIÊNCIAS QUE SE CRUZAM	53
5 DOIS LUGARES DE FALA: UM ESTUDANTE DE ENSINO MÉDIO QUE ASSUME O LUGAR DE BOLSISTA DE EXTENSÃO E APRENDIZ DE PROFESSOR DE ARTE.....	68
5.1 OS PROJETOS DE ESTÁGIO	68
5.2 A CASA DA FRATERNIDADE E A EXPERIÊNCIA DE SER OFICINEIRO.....	73
5.3 CULTURA MAMOEIRA: AUTORIA E AUTONOMIA	78
6 CONCLUSÃO	83
7 PROPOSTA DE CURSO: Memórias que se cruzam e histórias contadas/cantadas	88
8 REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca, a partir de uma experiência de vida com relação a brincadeira do boi-de-mamão, refletir sobre as possíveis contribuições desta para a formação de professores, em específico professores de artes, aos quais chamo aqui de educadores populares, parafraseando um dos brincantes do grupo “Arreda Boi – Boi-de-Mamão da Barra da Lagoa: Nado Gonçalves” (2000).

Para Dolarécio Soares, folclorista catarinense, com o qual dialogo nesta pesquisa, “o boi-de-mamão é uma das brincadeiras de maior atração popular de Santa Catarina.” (2002, p. 48). Tomo esse dizer para justificar a importância deste tema aqui abordado. Meu envolvimento, enquanto brincante deste enredo, gira em torno das experiências vividas na escola E.E.B Gov. Heriberto Hulse (Criciúma, SC) em 2017, enquanto fazia o ensino médio. “a prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte”(BRASIL, 2018, p.193). Atualmente, no Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Unesc, participo de um projeto de extensão chamado Boi de Mamão na Comunidade. Nesse percurso vou me fazendo professor, dentre tantos caminhos, estou atuando com crianças e adolescentes no papel de oficinairo para fomentar a cultura do Boi-de-mamão¹ na Casa da Fraternidade em Araranguá, atuação que pretendo melhor descrever posteriormente. Um percurso que me traz reflexões sobre a importância desse envolvimento na formação deste aprendiz de professor de Artes.

Prefaciando o livro “Experiência de vida e formação” (JOSSO, 2004), António Nóvoa fala da figura do formador enquanto alguém que forma a si próprio, quando diz que “através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação)” (JOSSO, 2004, p.39). Nóvoa evidencia uma outra etapa que chama de ecoformação, o que para ele é quando “o formador se forma através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica.” (ibidem). Quando revisito o percurso em que vivenciei e vivencio com o projeto

¹ Boi de mamão aparece aqui de diferentes maneiras, dependendo de qual autor é citado. Farei uso da escrita Boi-de-mamão com hífen e a primeira letra maiúscula como ele é descrito no dicionário do folclore de Câmara Cascudo.

do boi, com a história do boi, com os envolvimento que tive com diferentes pessoas, diferentes lugares e histórias, me vejo um pouco em cada lugar citado por Nóvoa (auto- formação, hetero- formação e eco- formação), mas é na pesquisa que pretendo ampliar essas reflexões no sentido, também, de contribuir com outros percursos.

Sinto o desejo de compreender esse caminhar para si no sentido de visitar meu próprio processo de formação e como ele me trouxe até aqui, como cada experiência provocou transformações. Como uma brincadeira na escola com personagens feitos de cano, tecido e papel machê, me trouxe para um curso de Artes Visuais e me fez ampliar os olhares sobre a própria narrativa do boi. Pensar a brincadeira do boi é como pensar a própria arte, no sentido de compreender suas definições e nessa direção, reflito com o dizer de Santaella:

Poucos fenômenos são tão difíceis de definir quanto a arte. Uma das razões desta dificuldade provém do fato de que a arte é uma produção histórica. Isso significa que não existe uma definição universal que dê conta de todas as variações de criação artística no tempo e no espaço (2012, p. 32) .

Ao longo de minha formação diversas perguntas me surgiram e revisito-as como hipóteses desta escrita, como por exemplo: o que é o Boi-de-mamão? Qual sua origem? Uma brincadeira com o boi pode ser considerada arte? Quais as contribuições do Boi-de-mamão na formação das pessoas? por que a cultura do Boi-de-mamão se tornou menos presente na comunidade? Como e por que montar um grupo de Boi-de-mamão na escola? Como manter um grupo ativo? E é a partir destas perguntas que este trabalho de conclusão de curso se inicia, tendo como objetivo dialogar com a experiência de vida de quem o escreve ampliando diálogos com Reinaldo Manoel Golçalves (2006), Doralécio Soares (1978), Nereu do Vale Pereira (2010), Câmara Cascudo (2001), Marie-Christine Josso (2004), entre outros.

Nesse contexto, pontuo como problema de pesquisa: Quais as possíveis contribuições da brincadeira do Boi-de-mamão na formação dos sujeitos que com ela se envolverem, considerando as narrativas autobiográficas de quem se faz aprendiz de professor de Arte? O objetivo desta pesquisa é se aproximar a este problema, ou seja, ampliar reflexões no intuito de melhor identificar quais as possíveis contribuições desta brincadeira na formação dos sujeitos que com ela se envolvem, considerando as narrativas autobiográficas de quem se faz aprendiz de professor de Arte.

Comungando com o dizer de Katia Canton (2009), ao questionar para que serve a arte, vamos costurando reflexões tomando como pano de fundo a brincadeira do Boi-de-Mamão. Para a autora, a arte, “provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo” (2009, p. 12). No que tange ao ensino da arte, Pillotto (2008), no texto que tem como título “A arte e seu ensino na contemporaneidade”, ao estabelecer um diálogo com Arthur Eflang, traz questões importantes sobre o pensar para além do ensinar e aprender arte na sala de aula. Segundo Pillotto (2008, p. 37) “é necessário uma construção permanente, na qual os conhecimentos, identidades e consciência planetária são realimentadas, no sentido de ampliar o universo do professor para outros campos de conhecimento.” O que vem ao encontro do que proponho aqui trazer: o que aprendemos ao nos envolvermos com a brincadeira do Boi-de-Mamão. Nesse sentido, apresento como proposta de curso, ao concluir esta pesquisa, algo que vai fomentando a ressurreição do boi a partir de memórias que se cruzam e histórias contadas/cantadas.

1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA: A AUTOBIOGRAFIA.

Com o intuito de refletir sobre possíveis contribuições da brincadeira do Boi-de-mamão na formação dos sujeitos, faço um movimento de caminhar para si, título de uma das publicações de Marie-Christine Josso (2004). Atualmente me encontro na posição de aprendiz de professor, oficinairo, pesquisador e artista. Tenho como aprendiz aquele que aprende, estuda, reflete e posteriormente ensina aprendendo. Para Basbaum

Quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos “artista-etc”. (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico etc) (2013, p. 167)

Mas como cheguei até aqui? quais pontos da minha formação foram essenciais para me trazer até aqui? E como entender isso pode me ajudar? Josso (2004, p.69)

nos fala que “Ao construir uma narrativa [auto] biográfica evoco uma forma de ressignificar a própria vida, num movimento de ir e vir ao encontro de si mesmo”. Ser professor, artista e pesquisador é ser um eterno aprendiz onde meu eu, se permite fazer o percurso e aprender o caminho na própria travessia. Para a autora,

O formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (auto-formação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e as emoções (hetero-formação); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (eco-formação). (JOSSO, 2004, p. 16)

Esse formar-se é sobre aprender diariamente e refletir sobre isso, pois, o crescimento está no processo e não somente no resultado final. A autoformação é “um empenho pessoal, afetivo, com uma ligação entre os saberes e a vida” (JOSSO, 2004, p. 8) acrescido ainda da “possibilidade de escolher buscar conhecimentos nos livros, independentemente daqueles selecionados pelos professores” (ibidem). A autora também escreve que todo conhecimento é autoconhecimento e toda formação é autoformação, pois compreender o mundo ao nosso redor é nos compreender, e nos compreender é compreender o mundo ao nosso redor (JOSSO, 2004). Para entender melhor a importância de revisitar situações do passado para entender nossa formação, Josso (2004) nos dá o seguinte exemplo:

Se você pensa, procurando desesperadamente as chaves do carro, que infelizmente “esqueceu” onde as havia posto, isso pode acontecer-lhe numerosas vezes ainda, e talvez cada vez mais frequentemente. Mas se você constata que, no momento em que as colocou lá, você não estava presente no lugar em que você acha que estava e consciente do gesto que você fez, você se dá uma chance de controlar este tipo de situação, tomando consciência de que não houve esquecimento. Você estava presente fisicamente, mas “ausente” na consciência. Por este exemplo simples e vivido por cada um de nós, eu espero evidenciar melhor a importância da atenção consciente como presença de si-mesmo no aqui e agora (JOSSO, 2007, p. 426)

Refletir sobre nossa própria história de vida é ter consciência dos processos que nos formam. Quando ressaltamos a memória, tomamos consciência do que antes, eventualmente, não foi entendido por não estarmos realmente presente no momento, pois você no presente é resultado daquela experiência do passado, e quando as revisita e as compartilha se faz consciente disso. Para me fazer presente neste momento remeto-me à memória agora mais consciente do processo posso olhar para o

passado e entender como cada decisão foi tomada e como isso constitui quem sou. Trata-se de um registro de memórias que, direta ou indiretamente, enfatiza o sentimento de paixão de me sentir professor, cada partilha nos permite observar nossa própria imagem, buscando mudar a realidade de todos aqueles com os quais convivemos, somos seres narrativos pois acumulamos experiências, e temos necessidades por meio da memória de comunicá-las. A narração de uma história permite refletirmos sobre nossas características, sobre quem éramos, e quem somos hoje. Buscar a si gera um sentimento de gratidão, gerado pela reflexão do ouvinte e pela busca do sentir enquanto professor, artista e pesquisador.

A partir desta busca de si pretendo desenvolver minha pesquisa, compreendendo-a como uma pesquisa autobiográfica, o que para Wiercinski (2014, p. 1) “as pesquisas autobiográficas configuram-se como uma forma de pesquisa onde, segundo Abrahão (2004), o sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, como uma história autorreferente carregada de significado”.

Caminhada para si, a percepção de minha história de vida, desde a criança que transformava o mundo em seu quintal ao Professor artista que transforma o espaço de uma sala de aula em algo novo.

Além da pesquisa autobiográfica, a pesquisa bibliográfica vai traçar o diálogo com a história de vida aqui evidenciada, possibilitando a cientificidade desta escrita. Como pesquisa bibliográfica, comungo com os dizeres de Marconi e Lakatos, ou seja:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. (2010, p.166)

1.2 MAPEANDO OS CAPÍTULOS: COM QUEM DIALOGAR.

A introdução contempla a metodologia e este mapeamento dos capítulos.

No segundo capítulo “Boi-de-mamão em Santa Catarina: Narrativas que se cruzam” busco inicialmente compreender os conceitos de Cultura Popular e folclore através das pesquisas de Oliveira (2010) e Câmara Cascudo (2008) em seguida cruzo as pesquisas e histórias de vida de Doralécio Soares (1978), Elza de Mello Fernandes

(2008) e Nereu do Vale Pereira (2010), para entender o que é o Boi-de-mamão e quais as possíveis origens para essa brincadeira em solo catarinense. Após isso referencio-me nas pesquisas de Marie-Christine Josso (2004) para revisitar minha infância e perceber as contribuições que a brincadeira, o lúdico e a contação de história tiveram em minha formação, a qual também diálogo com Gildo Volpato (2002).

No terceiro capítulo, “A adolescência e o envolvimento com o Boi-de-mamão”, diálogo com as pesquisas de Soares (1978), Fernandes (2008), Pereira (2010), e Gonçalves (2000), para analisar um percurso enquanto brincante do Boi-de-mamão, o primeiro contato com o folguedo na Escola E.E.B Gov. Heriberto Hulse, as primeiras impressões da brincadeira ao assistir e ao brincar, quais são os personagens e como esse folguedo foi importante nesta escolha pelo caminho do professor-artista.

No quarto capítulo, “A chegada à universidade”, remeto-me à Josso (2004) e Tardego (2016), para falar deste contexto agora como acadêmico do Curso de Artes Visuais Licenciatura na Unesc e acadêmico extensionista do projeto de Pesquisa Boi de Mamão na Comunidade, e como esta história de vida se cruza com diferentes histórias e quais as contribuições dessas trocas de saberes para a formação do sujeito por inteiro.

O quinto capítulo, “Aprendiz de professor artista”, narra o percurso como aprendiz de professor-artista no contato com escolas e levo a cultura do Boi-de-mamão por meio do estágio obrigatório, coordeno o Grupo Folclórico de Boi-de-mamão da Casa da Fraternidade e junto a Quet Silva criamos o Grupo de Teatro e Boi-de-mamão Cultura Mamoneira.

No sexto capítulo busco algumas reflexões a partir do que traz Josso (2004) para responder: quais as possíveis contribuições da brincadeira do Boi-de-mamão na formação dos sujeitos que com ela se envolverem, considerando as narrativas autobiográficas de quem se faz aprendiz de professor de Arte? Além de dialogar com o texto “Manual do artista-etc” de Ricardo Basbaum (2013) e a BNCC (BRASIL, 2018).

O sétimo capítulo intitulado “Memórias que se cruzam e histórias contadas/cantadas” é um curso de formação para professores desenvolvido através de minhas pesquisas e tem como objetivo auxiliar professores de artes a trabalharem Boi-de-mamão na sala de aula.

2 BOI-DE-MAMÃO EM SANTA CATARINA: NARRATIVAS QUE SE CRUZAM

Imagem 1: Boi-de-Mamão da Casa da Fraternidade - Araranguá/SC - 2021



Fonte: acervo do pesquisador.

-Bom dia Vaqueira!

- Bom dia!, mas que dia bonito né?

-Realmente o dia está muito lindo, mas me conta, o que você veio fazer aqui hoje?

-A Seu Zé! Eu vim mostrar meus bichos lá da fazenda, tem vários. Tem a Cabrinha, a Maricota, a Bernunça, e meu Boi que dança!

-Boi que dança? Mas Boi não é de comer?

-O meu não Seu Zé, o meu é de dançar! É um Boi-de-mamão!

-Boi-de-mamão? Que história é essa?

Narrativas que se cruzam movem costuras sobre a brincadeira do boi. A imagem que nos recebe neste capítulo aponta para um diálogo entre diferentes personagens. O cumprimento à Vaqueira, aponta para o diálogo com o qual se inicia a apresentação do Boi-de-mamão da Casa da Fraternidade em Araranguá-SC. Nesta apresentação, as crianças já podem reparar que o Boi-de-mamão não é um boi tradicional. Mas afinal de contas, o que é um Boi-de-mamão?

Segundo o catálogo “Vozes que pulsam: Memória e Cultura Afro-brasileira em Santa Catarina,” coordenada por Maria Simão, o Boi-de-mamão é “uma das manifestações culturais mais comumente associada ao estado de Santa Catarina, o Boi-de-mamão espalha-se, por seu território assimilando referências de diversas

origens” (SIMÃO, 2016, p. 18). Conhecer essas origens é fundamental para melhor compreendermos sua história. Um percurso marcado pelo folclore e pela cultura popular:

[...] não como fatos prontos, que existem na realidade do mundo, mas como um campo de conhecimento e uma tradição de estudos. Isso quer dizer que essas noções não são dadas na natureza das coisas. Elas são construídas historicamente, dentro de um processo civilizatório, de acordo com diferentes paradigmas conceituais e, portanto, seu significado varia ao longo do tempo. (CAVALCANTE, 2002, p. 1)

Cultura popular é a cultura do povo, ela reflete seus modos de pensar, sentir, agir e sonhar, e assim como seu povo muda com o decorrer do tempo seu significado pode também mudar. Para Pereira, “cultura é um resultado, uma consequência do exercício do existir humano” (2010, p. 26), e complementa dizendo que “é uma relação do homem com a natureza, as ideias e os valores” (ibidem). Logo, a cultura existe porque existimos, como se a vida e a cultura dependessem uma da outra para sobreviver. O autor faz uma analogia dizendo que “a cultura é o caldo, a seiva que alimenta a existência do homem em sociedade” (2010, p. 26). Fazendo alusão à necessidade humana de se sentir parte de uma cultura e estar imbuído nela, ou seja, precisamos da cultura para viver como o peixe precisa da água. Nessa direção, somos produzidos pela cultura enquanto somos produtores dela.

No livro “Cultura é Patrimônio”, Oliveira expõe que “Folclore pode ser compreendido como conjunto de histórias anônimas, sem autoria clara e definida.” (2010, p. 88). O termo folclore tem origem no termo inglês *Folk-lore* foi proposto pelo arqueólogo William John Thomas; *folk* significando gente comum, e *lore* saber. Oliveira também nos conta que “a cultura popular está muito próxima do folclore”. (2010, p. 94). Pereira reforça essa ideia quando diz que “integram a cultura e o folclore, o conjunto de crenças, costumes, a linguagem, as artes, a religiosidade, as atividades produtivas ou ergogênicas, símbolos, entre outros, que se encontrem em prática dentro de cada povo e que se servem de amparo a cada cidadão.” (2010, p. 27). A Cultura popular são os saberes dos povos, e o folclore as histórias deste povo. Mas de que forma os saberes deste povo seria passado para a próxima geração se não a partir das narrativas e de nossas lendas, costumes e tradições? Logo, para mantermos nossa cultura e nossos saberes, precisamos valorizar nosso folclore. Encontro no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), uma conceitualização pautada nas normas,

pesquisas e e na legislação vigente para o patrimônio cultural no Brasil sobre esses saberes, ou seja:

Saberes são formas próprias de produzir um bem ou realizar um serviço, como a receita de uma comida ou uma técnica especial utilizada para tocar ou produzir um instrumento musical. Tem sentidos práticos ou rituais e, às vezes, reúnem as duas dimensões, como as relacionadas à cura, às benzeduras ou pajelanças. (IPhan, 2013, s/p)

São saberes que nos auxiliam a compreender a relação que temos com nossa própria cultura. Mas por que entender esses conceitos são importantes enquanto falamos do Boi-de-mamão? E quais as relações que podemos estabelecer com a formação dos sujeitos que com esses saberes se envolver? Para Canton, “no emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo” (2009, p. 35). Viver é aprender.

O Boi-de-mamão é isto, envolve esse emaranhado de saberes, uma manifestação folclórica que conta a história de um povo de maneira oral. Entretanto ,indago-me mas de qual povo é essa história?

2.1 QUE HISTÓRIA É ESSA?

Boi-de-mamão é um folguedo, ou seja, uma manifestação folclórica, a materialização da história de um povo, e como toda história ela possui um enredo, e no caso do Boi-de-mamão ele é simples, ou seja, “no enredo do auto, o tema é a morte e ressurreição do boi, com pequenas variações. (FERNANDES, 2008, p. 39). Essas variações citadas pela autora têm relação com as origens do Boi-de-mamão. Durante a apresentação o boi entra, dança, morre, ressuscita e dança de novo. A partir daí a criatividade do povo é o que conta, e cada grupo tem sua forma de contar sua história. Como afirma Simão, “na brincadeira do Boi de Mamão une-se a dança, a música e o enredo, com alguns toques cômicos, que com o passar do tempo como acontece naturalmente sofre mutações agregando novos elementos e modificando ritmos.” (2016, p. 18).

Existem benzedoras que ressuscitam o boi ou doutores que vacinam o boi, macacos, ursos, urubus, marimbondos, jaraguás, maricotas e tudo mais que a

criatividade popular possa imaginar. Boi-de-mamão possui uma identidade própria de cada grupo, tornando-o único. Outro ponto é a importância do improvisado em cena, diferente de uma peça de teatro tradicional, no Boi-de-mamão os personagens não possuem um roteiro fixo, podendo variar de acordo com a resposta do público, pois é muito importante a interação com quem o assiste. Faz-se como um teatro de rua, e teatro é isso: o encontro onde temos quem representa e quem assiste, sem isso não acontecem as apresentações.

Entre o global e o local, somos todos viajantes, escreve Canton (2009 p. 52) quando traz a identidade cultural para um diálogo que sustenta um acreditar que “é na troca ou no fluxo que as novas possibilidades identitárias tomam corpo” . O enredo do boi, tem muito disso, dessa troca, de contemplar questões mais regionalistas e assim costurar pertencimentos.

Outra coisa que não pode faltar é a cantoria, até porque “é pelo toque do tambor que os personagens se movimentam sob o comando dos versos, que ordenam a sequência das apresentações. Para cada figura que se apresenta, há uma cantoria de recepção e um coro repetido pela plateia.” (FERNANDES, 2008, p. 55). Além de ser considerada uma brincadeira, um teatro de rua, é também uma dança, geralmente utilizando instrumentos como pandeiros, tambores, chocalhos, violão e acordeom. As músicas são interpretadas pelo “Puxador” do grupo aquele que “puxa” o grupo com cantoria ou o movimento do brincante do boi, que com seus versos comanda a entrada e saída dos personagens da arena, geralmente improvisando alguns versos, os famosos repentes, e instruindo a plateia a cantar os tão populares refrãos como vem cá meu boi, vem cá ou olê, olê, olá.

O nome Boi-de-mamão, assim como tudo neste folguedo, não possui uma origem linear. A brincadeira de boi em Santa Catarina foi passada para as próximas gerações de maneira oral, tendo assim muitas informações se perdido ou modificadas pelo tempo. Pereira evidencia três possíveis origens para esse nome: a) a primeira é que “O boi utilizado na dança seria apenas um bezerro mamador, um boi mamão, que ainda mama” (2010, p. 56), o que faria sentido, porém geralmente as figuras de Boi-de-mamão tendem a representar bois já em sua fase adulta. b) A segunda versão seria “boi mamador”, se referindo a quem dança sob ele somente depois de beber alguns tragos de cachaça, isto é, o dançador é um beberrão “mamador” (PEREIRA, 2010, p.51). Ao visitar as sedes dos grupos de Boi-de-mamão de Florianópolis, tive a

oportunidade de conhecer grupos de várias regiões de Santa Catarina; nos encontros de Bois realizados em diversas cidades de SC pude perceber que os mestres mais antigos dizem que é comum antes de dançar, beberem bastante. Antigamente o boi era apenas dançado a noite e a cachaça servia para animar os brincantes. c) Já a terceira versão é a mais aceita e a mais comum de se achar em artigos sobre essa brincadeira que é a história do mamão verde: “veio a denominar-se de Boi de Mamão porque a cabeça utilizada na montagem do falso animal era feita do fruto do mamoeiro, um mamão. Logo, Boi com a cabeça feita com um mamão, boi de mamão” (Pereira, 2010, p. 55). Dizem que essa cabeça de mamão verde foi improvisada às pressas antes de uma apresentação, e que por conta disso o nome que antes era Boi-de-Pano, virou Boi-de-Mamão, como descrito por Soares: “antigamente a brincadeira era conhecida como Boi-de-pano, mas ocorreu que, com pressa de se fazer a cabeça, foi usado um mamão verde”. (1978, p. 6).

Mas de onde surgiu este folguedo? Responder isto não é nada fácil, isso por que não se sabe sua real origem, como citado anteriormente, os saberes populares eram passados de geração em geração de forma oral, tendo assim se perdido vários registros importantes sobre sua história. Remeto-me à três autores: Doralécio Soares, autor do caderno de folclore número 27 intitulado de “Boi-de-mamão catarinense” (1978); Elza de Mello Fernandes autora do livro “Raízes do saber popular: Os Ritos, os Mitos e o Folclore” (2008); e Nereu do Vale Pereira autor do livro “O Boi-de-mamão: Folguedo folclórico da Ilha de Santa Catarina: introdução ao seu estudo” (2010), entendendo que os três nos dão diferentes percepções da possível origem deste folguedo. Para Doralécio Soares (1978, p. 5) “a brincadeira do Boi existe no folclore de mais de uma forma.” Ele, também nos revela que “no Norte e Nordeste é conhecido como Bumba-meu-boi e boi-bumbá e em Santa Catarina, Boi-de-Mamão” (ibidem). Segundo Soares, o Boi-de-Mamão tem origem no Boi Bumbá e é claro que as semelhanças entre os dois folguedos são indiscutíveis. Mas como, então, uma brincadeira do Norte e Nordeste veio “parar” em Santa Catarina? Encontrei em um livro infantil denominado “A festa do Boi de mamão”, de autoria de Cristiani Inácio e Marta Marins, onde em suas páginas finais encontrasse o item Curiosidades, escrito pelo museólogo Gelci José Coelho - conhecido como Peninha - um dizer que:

Sabemos que os açorianos, em 1748, já se aventuravam no Brasil. Eles eram fundamentalmente lavradores e se fixaram em caminhos e espaços já abertos

pelos indígenas. A organização do trabalho e os costumes dos indígenas foram absorvidos pelos açorianos; facilitaram a vida cotidiana dos primeiros colonizadores vindos dos Açores para o litoral catarinense. Dizem também que, devido ao grande calor no Norte do país, os escravos recebiam folga principalmente durante as festas de Natal e em outras importantes datas religiosas. Nesses momentos realizavam batucadas com tambores e brincavam utilizando uma armação tosca feita com paus e lembrando a figura de um boi. Os batuques atraíam os indígenas. Isso foi sendo incorporado à arte popular de então. A vinda do povo do Norte e do Nordeste brasileiro para lutar na Guerra do Paraguai resultou na permanência de alguns deles no Sul, que tentaram reproduzir o Bumba meu Boi no litoral catarinense. Com as interações culturais dos viajantes e moradores açorianos e indígenas, a brincadeira foi desenvolvendo variações próprias (INÁCIO e MARTINS, 2017, p.20-21).

O Boi-de-mamão teria tido origem nas senzalas nordestinas, como forma de adoração totêmica ao boi, já que em várias culturas o boi é símbolo de força e bondade. Essa manifestação acabou atraindo os indígenas e ao longo dos anos deu origem para o que seria o Bumba-meu-Boi ou Boi-bumbá, que mais para frente seria trazido para Santa Catarina por esse povo que buscava na guerra do Paraguai a sua carta de alforria. Doralécio Soares, por ter nascido no Recife, é nordestino e viveu em Florianópolis até o dia de sua morte em 2012. Por conta disso presenciou tanto as encenações de Bumba-meu-boi quanto as de Boi-de-Mamão e nos diz que:

No Nordeste, o Bumba-meu-boi tem apresentações mais dramáticas. No Sul, o brasileiro, sendo menos místico, apresenta uma brincadeira de Boi mais graciosa, com coreografias mais alegres, passando a brincadeira a encantar principalmente as crianças. (SOARES, 1978, p. 5)

O autor também traz outros relatos que se complementam à essa história, como por exemplo “[...]quando começou a brincar o nome era Bumba-meu-boi, depois passaram a chamar Boi-de-mamão, isso motivado porque, num lugar chamado Palhocinha, as crianças, filhos de D. Biloca, usaram mamão verde para fazer a cabeça do Boi” (SOARES, 1978, p. 6). Já Nereu do Valle Pereira aponta que “Boi de mamão nada tem a ver com o Bumba-meu-Boi do Nordeste. E afirma ser uma heresia encenar o nosso Boi de Mamão incluindo a lenda da mulher grávida” (2010, p. 51). Esse posicionamento é defendido pela sua pesquisa, que diz que o folguedo juvenil mais próximo do nosso Boi-de-Mamão, é encontrado na Espanha, é denominado *Juego de la Vaquilla*, *El Toro de Mimbre* ou ainda, *Toro Falso* (Pereira, 2010, p.53). Completa dizendo “Jogo da Vaquilla representado pela tapeçaria que deixa muito clara a semelhança quer com o Boi de Mamão Catarinense quer como o Bumba-meu-Boi” (PEREIRA, 2010, p. 71). A brincadeira em questão também utilizava uma armação

muito semelhante ao do Boi-de-mamão, que era manuseada geralmente por um garoto que simulava as investidas do touro contra as demais crianças brincantes. Segundo Pereira, a nossa brincadeira de Boi-de-mamão tem origem na Espanha, e tem como objetivo simular uma tourada, como o autor afirma que:

Boi de Mamão, em nossa cultura ocidental, são de raízes ibéricas, enquadradas no conjunto das tauromaquias satíricas, ou réplicas grotescas dos embates oficializados ou institucionalizados, matizados pela cultura luso-açoriana (PEREIRA, 2010, p. 84).

O autor também nos diz que mesmo sendo pertencente à cultura açoriana “o Boi de Mamão não tem origem direta dos Açores e, mesmo porque, lá não existe e nem existiu qualquer manifestação parecida.” (PEREIRA, 2010, p. 51). Doralécio Soares comunga, mesmo que indiretamente, com essa versão, quando afirma que:

Houve também em Espanha e Portugal os outros touros fingindo, feitos de vime, bambu, arcabouço de madeira frágil e leve, recoberto de pano, animado por um homem no seu bojo, dançando e pulando para afastar o povo e mesmo desfilando diante dos Reis (1978, p. 6).

Soares já reconhecia a semelhança do Boi-de-mamão com as brincadeiras de boi da Espanha, porém não podemos negar também a semelhança do Boi Bumbá com a nossa brincadeira de Santa Catarina. Outra possível origem para o nosso Boi-de-mamão é trazida por Elza de Mello Fernandes, que nos diz que o boi e cavalinho, são bichos que fazem parte do presépio de Belém criado por São Francisco de Assis. Para a autora, o Boi-de-mamão é como um auto de representação do presépio de Belém (FERNANDES, 2008).

Em minhas andanças ouvi muitas histórias, até uma que dizia que a morte e a ressurreição do Boi se davam devido aos Jesuítas que viram na brincadeira a oportunidade de representar a morte e ressurreição de Cristo para catequizar os escravos que não falavam sua língua. Não pretendo aqui julgar qual pesquisador está certo, pois Oliveira já nos diz “Folclore pode ser compreendido como conjunto de histórias anônimas, sem autoria clara e definida” (2010, p. 88). A origem deste folguedo ainda permanece sem resposta definitiva. O que sabemos é que hoje o Boi-de-mamão está presente em várias partes do estado de Santa Catarina e também Paraná, representados por diversos grupos, que juntos mantêm vivos a história de não um, mas vários povos.

Agora que está claro o que é um Boi-de-mamão, origem e importância histórica,

então, volto para o problema central desta pesquisa: quais as possíveis contribuições da brincadeira do Boi-de-mamão na formação dos sujeitos que com ela se envolverem, considerando as narrativas autobiográficas de quem se faz aprendiz de professor de Arte? E para melhor elucidar essa questão, fiz o movimento de caminhar para si, para buscar essas respostas, nesse processo revisei fotos, memórias, lugares e muitas vezes, compartilhando essas memórias com meu irmão mais velho, que às vezes lembrava de outra história e logo minha infância veio à tona, demorei algumas semanas refletindo sobre tudo que me recordei, era como um quebra-cabeça, que ainda não compreendia. Foi a partir das leituras de “Experiência de Vida e Formação” de Marie-Christine Josso e conversas com meu irmão, que acabei entendendo algumas coisas, pois segundo ela:

Cada história é trabalhada visando perceber os momentos de articulação, muitas vezes fundadores, os valores que orientaram as escolhas, os registros das ciências do humano nos quais as experiências são relatadas, as dialéticas que permitem compreender as orientações gerais de uma vida, as atitudes e aprendizagens do sujeito nas situações, nos acontecimentos, nos encontros e nas atividades impostas ou escolhidas ao longo da vida (2007, p. 421).

Neste momento percebi que meu contato com questões que possivelmente cercam a arte que acreditava ter acontecido somente ao conhecer o Boi-de-mamão aos 16 anos, é muito mais antigo, e que a forma como cresci, e as relações que desenvolvi e escolhas que tomei, me levaram até o Boi-de-mamão, mais do que eu queria, mas porque precisava. Esse é algo que a pesquisa me possibilitou compreender. Para entender melhor essa história, irei contar um pouco da minha infância.

2 INFÂNCIA, LUDICIDADE, FANTASIA: CONEXÕES COM A BRINCADEIRA DO BOI

IMAGEM 2: EU E MEU IRMÃO, BRINCANDO.



Fonte: acervo do pesquisador.

Lembro que quando tinha apenas 5 anos e morava com minha mãe e meu irmão mais velho em uma casinha pequena no bairro Próspera em Criciúma, bairro onde nasci e resido até hoje. Naquela época tinha poucos amigos e minha mãe trabalhava o dia inteiro no comércio, por conta disso, passava o dia inteiro com meu irmão mais velho, o André. Ele é 8 anos mais velho que eu, e para onde ele ia eu o seguia. Quando ele ia jogar taco na rua de casa com seus amigos, me colocava em cima de um galho na árvore em frente a nossa casa e me dizia que o galho era um cavalinho, pois o formato lembrava muito um cavalo, eu acreditava e enquanto via meu irmão brincar me divertia sendo um cavaleiro.

Certa vez, estava em casa brincando com meus ursinhos de pelúcia, cerca de 6 anos, vi um colchão de solteiro, no canto do quarto, e quando o coloquei na quina do quarto encostado no armário de meu irmão, percebi que fazia uma espécie de bancada, onde eu podia me esconder atrás. Aproveitando que era um final de semana e minha mãe estava em casa e meu irmão também, corri para pegar o pimpão, um urso de pelúcia que meu irmão ganhou com 1 ano de idade, e que deixou comigo quando eu era pequeno pois eu tinha medo de escuro (hoje o urso pertence a minha sobrinha). Pimpão possui uma abertura que permitia manipular sua boca como um fantoche.

Posicionei-me atrás do colchão, peguei mais alguns ursos, e me lembrei de como os personagens do Cocoricó, e Castelo Rá-Tim-Bum se posicionavam e tentei imitá-los. Chamei minha mãe e meu irmão e pela primeira vez, apresentei uma história. Naquele momento, talvez, nasceu uma semente que me guiaria até esse ponto, pois como bem lembrou Walter Benjamin (1984), onde as crianças brincam, existe um tesouro enterrado.

Mas brincar apenas com meus brinquedos ou assistir meu irmão brincar uma hora ficou chato, eu queria brincar com ele também. De tanto insistir quando fiquei um pouco mais velho meu irmão me ensinou uma brincadeira que mudou a minha infância: o brincar de faz de conta ou, como ele me apresentou, “a brincadeira imaginária”. Ele me disse que se a gente imaginasse poderíamos ser quem a gente quisesse qualquer herói da TV, ou dos vídeos games, e que poderíamos interpretá-los, os cabos das vassouras da minha mãe poderiam ser espadas.

Para Vygotsky (1994), a brincadeira tem papel fundamental no desenvolvimento do próprio pensamento da criança, é por meio delas que a criança aprende a operar com o significado das coisas e dá um passo importante em direção ao pensamento conceitual que se baseia nos significados das coisas e não nos objetos, conforme defendem Fontana e Cruz (1997). A partir do momento que a criança assume um papel qualquer na brincadeira, ela passa a operar com o significado de sua ação e submete seu comportamento a determinadas regras.

A partir daquele dia, comecei a ter aventuras com meu irmão no universo infinito de possibilidades que se tornou meu quintal. Todo dia poderia criar e viver uma aventura diferente, o que me remete à BNCC

Quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entaves, desafios, conflitos, negociações e inquietações (BRASIL, 2018, p.193)

Travava batalhas junto ou contra meu irmão com diálogos e movimentos em câmera lenta, como se aquela brincadeira passasse por uma lente de cinema, chegava a imaginar em qual ângulo essa câmera imaginária estaria me filmando. Para Pillotto, “a imaginação pode ser um elo para a construção dessa relação entre o professor e aluno, entre aluno e aluno, pois provoca motivações de ânimo em nível perceptual,

racional, afetivo/emocional.” (2009, p. 47).

Gildo Volpato nos conta que “ao brincar com um taco de madeira como se fosse um carrinho, a criança se relaciona com o significado em questão, ou seja, a ideia de carro, e não com o objeto concreto, real que tem em mãos” (2002, p. 46), nesse momento um universo lúdico se cria. Meu quintal se transformava e os objetos se ressignificam, as plantas de minha mãe eram florestas, as árvores navios piratas, o morro de barro vermelho um vulcão. Para Martins, Picosque e Guerra “a imaginação é também um modo de conhecer” (2010, p. 107).

Revisitando meus cadernos de desenhos, onde desenhava meus personagens, escrevia seus nomes, histórias e personalidades, percebo que cada personagem vinha de referências que colhia na TV e nos videogames. Antes de começar a brincar de interpretar esse personagem, criava suas histórias. Após brincar, anotava as partes importantes, esperava meu irmão chegar da escola, e ia lá contar para ele como foi a aventura daquele dia, me fazia contador de histórias.

Quando percebi, já estava com 15 anos e havia criado um universo enorme de aventuras com centenas de personagens que só existiam na minha cabeça e nesta mesma época precisei trocar de escola, pois a que estudava não possuía o ensino médio. Não me adaptei muito bem a realidade da escola, era diferente do que eu estava acostumado. Meu desinteresse pela escola foi aumentando cada vez mais. Chegando ao meu aniversário, meu irmão me deu um livro: a adaptação das histórias em quadrinhos da Marvel Guerra Civil. Quando comecei a ler, não parei mais. Revirava as prateleiras de livro de meu irmão pegando um após o outro: Harry Potter, Eragon e a saga do Guia do Mochileiro das Galáxias, eram meus favoritos.

Em 2017, minha mãe decidiu me transferir para a escola Gov. Heriberto Hulse, onde me encontro com o Boi-de-mamão. Mas por que falar sobre minha infância neste trabalho de conclusão de curso sendo que só conheço a brincadeira do Boi-de-mamão na adolescência? Josso nos diz que:

Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experientialmente nas circunstâncias da vida (2004, p.13).

Analisando minha infância pude perceber o quanto o brincar e criar foram

presentes na minha infância, e, tomando ciência disso, posso entender as contribuições que a brincadeira trouxe em toda minha formação e como foi fundamental em meus processos de decisões. Para Josso “o processo de conhecimento acentua o inventário dos referenciais e das valorizações e faz emergir os interesses de conhecimento e o seus níveis” (2004, p.43) colocando também em evidência as tensões dialéticas particulares como:

Uma capacidade para reações programadas e uma capacidade de iniciativa; uma capacidade de identificação e uma capacidade de referencialização ; uma capacidade de submissão e uma capacidade de responsabilização e; finalmente, uma capacidade de orientação imitativa de modelos culturais e uma capacidade de orientação aberta ao desconhecido. (ibidem)

Na brincadeira, me tornava protagonista, podia viver aventuras épicas como meus, heróis da TV, pude compartilhar com os outros, e quando compartilhava essas histórias me tornava completo, a sensação de ter toda a atenção voltada para mim, de ter criado uma história que prendia a atenção das pessoas, faze-las dar gargalhadas, essa sensação me completava. Descobri como preencher um vazio que não seria possível sem arte, pois foi assim que cresci. Vivenciando, criando e contando histórias.

3 A ADOLESCÊNCIA E O ENVOLVIMENTO COM O BOI-DE-MAMÃO

Começou o ano letivo de 2017 na escola E.E.B Gov. Heriberto Hulse no bairro Próspera. Estava deslocado no primeiro dia; não conhecia ninguém. Naquele dia conheci duas pessoas que mesmo não sabendo na hora, iriam mudar minha vida: uma garota com cabelo de duas cores, mochila de espinhos e delineados bem marcados, e a professora de Artes da Escola. Lembro até hoje do meu primeiro contato com essa professora, ela chegou na sala e nos contou que se chamava Silemar mas todos o conheciam como Sila. Ela propôs uma dinâmica para os alunos se abraçarem, porém eu que era um aluno novato que não conhecia ninguém e o único menino da turma, logo fiquei deslocado na dinâmica. Mas Sila veio até a última carteira onde eu estava sentado e me deu um abraço; pode ter sido um gesto simples, mas isso me marcou.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo como fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas escutando que aprendemos a falar com eles. [...]. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (TARDEGO, 2016, p.126)

IMAGEM 3: Eu e Sila na 13ª Bienal de Artes do Mercosul - 2022



Fonte: acervo do pesquisador.

Demorou um pouco para eu entender de onde vinha toda aquela paixão pela arte e educação, mas hoje revisitando minhas memórias percebo que essa paixão se faz na relação com o outro, a troca de saberes e risadas que ocorre na relação aluno e professor que gera a energia que move essa paixão.

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (JOSSO, 2007, p. 419)

Passaram-se dois meses desde que cheguei na escola e de repente recebo uma mensagem em meu Whatsapp: “E esse cabelo de Surfista?”; no começo estranhei até que notei que era a menina de cabelo colorido. Iniciamos uma conversa e ela me chamou para o cinema, depois disso, começamos a conversar o dia inteiro, e percebemos que tínhamos muita coisa em comum. Precisava achar uma forma de passar mais tempo com ela, foi quando decidi trocar de turma e ir para o EMI (Ensino Médio Inovador) que contava com uma carga horária maior. Lá tive aulas de dança, yoga, participei da fanfarra, grêmio estudantil e até mesmo de um programa de altas habilidades em que fui indicado pela minha professora de português, após ler os contos de ficção que escrevia sobre meus universos imaginários. A turma era pequena, sete alunos, e logo fiz amizade com todos; foi então que um dia a tal garota me fez um convite: “quer participar do nosso grupo de Boi-de-mamão?”; e meu primeiro pensamento foi: O que é o Boi-de-mamão?

Imagem 4 - Boi da Escola Heriberto Hulse no III Encontro de Bois de Mamão da Unesc - 2018



fonte: <https://www.unesc.net/portaal/aicom/blog/43140-projeto-boi-de-mamao-na-comunidade-encanta-criancas-em-criciuma>

Meu primeiro contato com o Boi-de-Mamão foi na escola, no horário de almoço entre o turno matutino e vespertino; alguns alunos de diferentes turmas se reuniram na

sala de artes e começaram a tirar figuras enormes de canos, tecidos e papel, todas muito coloridas e com fuxicos. Havia uma mala com figurinos, imprimiram letras de música, começaram a tocar pandeiro e tambor. Aquilo prendia minha atenção e então me virei para a garota de cabelos coloridos e perguntei mais uma vez “o que é o Boi-de-mamão?” Ela me respondeu com algo que no dia não me fez sentido: “é uma brincadeira, entra no grupo que você vai entender”. Realmente essa é a melhor forma de entender o que é um grupo de Boi-de-mamão. Para Nado Gonçalves “o Boi-de-Mamão é um aglomerado de pessoas, às vezes muito dispersas, mas que conseguem através de um enredo unificar a ação de ser grupo” (2000, p. 147). Pereira nos dizendo que “hoje em dia o Boi de Mamão está sendo praticado em todo o Estado de Santa Catarina e, não somente entre os ilhéus” (2010, p.91). Eu ainda não havia conhecido essa brincadeira, minha mãe diz ter conhecido quando era pequena no Bairro Guatá em Lauro Müller, mas nunca havia me falado sobre isso até aquele momento. Meu pai também diz ter conhecido; e meu avô, filho de português, disse que brincava de fazer boizinhos utilizando a fruta mamão, e que um de seus irmãos era mestre de Boi em Imaruí/SC. No ensino fundamental tudo que entendia por folclore era Saci Pererê e Curupira. Segundo a professora Elza de Mello, no passado

O boi-de-mamão percorria a microrregião carbonífera como um auto religioso durante o período do Advento até o dia santificado aos Reis, e depois era guardado já com pedidos para o retorno do próximo ano. (...)as manifestações natalinas do terno-de-Reis tinham como foco o boi-de-mamão. Assim, o boi-de-mamão era uma alegoria ao presépio de Belém. (FERNANDES, 2008, p. 38).

Em algum momento da história essa brincadeira foi sendo esquecido aos poucos, como uma alusão ao próprio enredo que narra a morte do boi, mas como no folguedo acredito que ele estava apenas descansando, pois, hoje percebo uma mudança nisso, vejo um movimento potente de resgate cultural feito por professores da região, professores como que agem como benzedeiros e através da arte estão ressuscitando o Boi-de-mamão.

No início estava receoso em participar, via todos os alunos tão animados e me perguntava: como alguém pode estar tão animado com alguma atividade da escola? Mas logo começou uma batida grave de tambor bem marcada, um pandeiro e foi então que ouvi pela primeira vez o verso que inicia a apresentação do Boi do Heriberto: *Homens e vaqueiros venham cá olhar! O Boi veio hoje para se apresentar! O Boi veio*

hoje para se apresentar. Em seguida vinha uma garota segurando um estandarte enorme com as letras coloridas escritas Boi-de-Mamão E.E.B Gov. Heriberto Hulse. Ele possuía muitos fuxicos e cordões. Enquanto caminhava, o estandarte dançava na mão daquela menina que possuía um sorriso que provocava outros, inclusive o meu sorrir.

Imagem 5: Apresentação do estandarte do Boi do Heriberto no Criciúma Shopping - 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador

Após a entrada do estandarte, apareceu o macaco e o urso brincando, eram representados por duas pessoas utilizando macacões e máscaras, entravam para animar o público, faziam brincadeiras, pulavam, batiam palma e interagiam com quem estava perto. Segundo o Mestre Zé do Boi, em uma das tantas vezes que discutimos a origem dos personagens deste folguedo, Zé me disse que o macaco por se tratar de um personagem dócil e bobo entrou na brincadeira para brincar com as crianças e adultos, e que concordava com Fernandes quando a mesma diz “o urso embora sendo um animal estranho aos açorianos, representa a figura do amigo desleal.” (FERNANDES, 2008, p. 49) ou seja aquela pessoa que quer acabar com a brincadeira, segundo Pereira “cada animal vai possuir uma ligação com figuras sociais e humanas” e conclui dizendo “as figuras são representativas de tipos humanos” (PEREIRA, 2010, p.92). Essa afirmação já ouvi de vários grupos, mestres e pesquisadores da área, e representar essas figuras da sociedade é algo que torna essa brincadeira cada vez mais popular e com uma identidade própria, já que cada grupo vai possuir personagens que representam sua comunidade.

O urso entra com o macaco para “incomodar” a plateia, que quanto mais interage com o público, mais o público vai gostando da brincadeira.

imagem 6: Apresentação do Urso e Macaco na escola São Bento, Criciúma - 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador

Logo em seguida uma garota de cabelos loiros entrou em cena e se fez a vaqueira, e ela interagiu com a garota de cabelos coloridos que além de cantar fazia o papel de narradora .

Imagem 7: Às garotas de cabelos loiros e a de cabelo colorido - 2018



Fonte: Acervo do pesquisador

Lá, no meio do espetáculo/ensaio, elas interagem entre si, e após algumas falas, chamam para o centro da apresentação o Boi. Para Fernandes “o boi é a figura

central de toda a brincadeira por ser o animal de maior valor regional. É a força motriz de todas as lidas do homem do campo, da lavoura ao engenho” (2008, p. 41). E também que “em todas as culturas o boi é símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho e de sacrifício” (FERNANDES, 2008, p. 41). “O Boi do Heriberto” era feito com uma estrutura de cano coberto por um tecido preto, possui flores de tecidos coladas em sua roupa. Tinha uma cabeça feita de *papel machê* com as cores amarelo e azul e um par de chifres com fitinhas coloridas. Embaixo desse boi, um aluno girava e interpretava esse boi com suas pernas cobertas por um pano.

Imagem 8: Boi e Vaqueiro se apresentando para escola convidada no Heriberto Hulse. 2018



Fonte: Acervo do pesquisador

Dança tanto que o bozinho se cansa e “morre” no chão da escola. *O Boi caiu! O Boi ta doente! Coitado do Boi! O Boi morreu!* Todos cantavam em coro, e o boi estava lá morto no chão, mas a brincadeira não podia acabar assim! “Então para reanimar o bicho chama-se o curandeiro, ou um benzedor, ou benzedeira, uma feiticeira, uma bruxa ou até um doutor” (PEREIRA, 2010, p. 100). E logo a vaqueira e a narradora ligaram para uma Doutora! Ela veio com sua maleta e jaleco branco, examinou o boi e disse que tinha uma injeção para o Boi (imagem 9), mas a injeção era enorme e causa risada em todos que viam aquilo pela primeira vez.

Imagem 9: Doutora do Heriberto aplicando a injeção. 2018



Fonte: Acervo do pesquisador

Porém, mesmo com todo esforço e aplicando a injeção três vezes, o bozinho ainda não levantou; a doutora se retira da cena após falhar e então entra o Urubu. Personagem mascarado, com trajes pretos e tecidos pendurados simulando penas, ele entra para verificar se o boi está mesmo morto e então devorar o boi! Para Fernandes “o ciclo da morte e da vida na perpétua transmutação, justifica a presença do urubu na criatividade popular do boi-de-mamão” (Fernandes, 2008, p. 52) já que “O urubu aparece no boi-de-mamão quando este morre, dando a entender que o urubu foi atraído pelo cheiro da morte” (Fernandes, 2008, p. 51) Mas a apresentação não podia parar e rapidamente o urubu é expulso de cena pela vaqueira.

Imagem 10: Urubu na apresentação no Colégio São Bento. 2018



Fonte: Acervo do pesquisador

Após afugentar o urubu, parece que nada poderia levantar o boi, eis que surge a ideia de chamarem uma benzedeira. Eu nem ao menos tinha ouvido falar sobre isso na

época, mas as benzedadeiras eram muito comuns no passado e são até hoje curando e benzendo diversas doenças. Porém a benzedeira do Heriberto era um pouco diferente, ela era o híbrido de dois personagens presentes no Boi de Mamão: a Benzedeira e a Bruxa. Entrou em cena uma bruxa toda trajada com seu chapéu e vestido roxo segurando um raminho de galhos. Segundo Câmara Cascudo no “Dicionário do Folclore” a Bruxa “é uma criação europeia, que chegou ao Brasil via Portugal. A figura assustadora, era sempre alta, magra, nariguda, mal-ajambrada, com longos cabelos desgrenhados sob o chapéu pontudo” (2001, p. 79). Mais a frente completa dizendo que “atualmente, atribui-se às bruxas uma índole menos perversa. Há mesmo tendência a aceitá-las sob a figura de bruxinha marota que, no máximo, faz travessuras e prega algumas peças” (ibidem). Aqui temos um ponto importante, pois, de maneira alguma, nossa Bruxa era assustadora ou feia e nem pregava peças; nossa bruxa era em homenagem às bruxas da vida real, mulheres que detêm o conhecimento, seja através de chás, ou conhecimentos em gerais, e que eram caçadas por homens que julgavam ser bruxaria é algo maligno uma mulher saber fazer tão bem quanto e muitas vezes melhor que eles. Após tentar benzer o boi duas vezes e falhar, a Bruxa pede ajuda de toda plateia e então em alto e bom som todos começaram a cantar *Eu benzo esse boi! Com galho de alecrim! Senhor dono da casa! Não se esqueça de mim!*

Imagem 11: Bruxa do Heriberto benzendo o Boi. 2018



Fonte: Acervo do pesquisador

E então o Boi levantou e voltou a dançar! Porém mais desanimado, estava fraco. Precisava descansar. Para Pereira “a ressurreição do boi é uma forte crítica ao fato que

em alguns espetáculos de arena a fera ainda não morreu, mas está caída de cansaço. É uma forma grotesca de ridicularizar os espetáculos de arena” (2010, p. 95). Foi então que a vaqueira sugeriu chamar sua cavaleira montada em seu cavalinho para laçar o boi (imagem 12). Mais uma vez uma mulher encenando, algo bem diferente dos grupos mais tradicionais já que “todas as práticas listadas, face aos riscos e força bruta necessária para sua realização, eram práticas reservadas para serem desenvolvidas por homens (muito raramente apareceram mulheres” (PEREIRA, 2010, p. 89). Segundo o autor as mulheres apenas poderiam observar, e em raras ocasiões poderiam dançar apenas em suas casas ou de familiares próximos, e demorou para elas poderem de fato se apresentarem com o grupo. No início apenas faziam parte da cantoria, pois segundo os argumentos da época não teriam porte físico para manusear as peças. Hoje vejo meninos e meninas dançando o Boi, cantando e dançando, e isso me dá esperança de um futuro melhor, pois olhar o passado e refletir sobre como as coisas se transformaram é de certa forma também caminhar para si. E se tornar consciente não apenas de sua formação, mas de seus privilégios e desafios também.

Então essas mulheres empoderadas pela arte, chamam o cavalinho cantando: *O meu cavalinho não tem mais demora! Dá meia volta! Laça e vai embora! Dá meia volta laça e vai embora!*

Imagem 12: Cavaleira do Heriberto Laçando o Boi no 4º Encontro de Bois de Mamão da Unesc - 2018.



Fonte: <https://www.unesc.net/porta/aicom/blog/43625-evento-da-unesc-mantem-viva-a-cultura-do-boi-de-mamao>

E então o boi vai embora e penso: “agora já deve ter acabado”; mas ao contrário do que parece, o Boi-de-mamão não é composto somente pelo boi. Ele possui diversos personagens tendo o boi apenas como figura central, não única. Começa um diálogo

sobre uma moça muito alta e linda que viria para se apresentar, porém ela gostava de dançar e para dançar ela precisava de música. Então começaram a tocar e veio a Maricota. *Dona Maricota com sua bolsa azul! Vem de braços dados pra dançar no Sul! Vem de braços dados pra dançar no Sul!* Entrou em cena um rapaz usando uma estrutura sobre os ombros semelhante a um boneco de Olinda. Ela era alta com mais de dois metros, possuía um vestido de chitão laranja, bolsa azul e cabelos cacheados. Veio dançando e, enquanto dançava, seus braços compridos batiam nas pessoas que a assistiam. Fernandes nos diz que “na realidade do boi-de-mamão, a Mariana é uma alegoria a vaidade feminina com sua vestimenta, maquiagem e joias” (2008, p. 54). Ao se referir a Mariana, a autora relembra um dos vários nomes que popularizou essa personagem, pois cada grupo a nomeia de uma forma diferente; fazendo homenagem a pessoas locais muitas das vezes, mas a personagem antigamente era mais conhecida por “Negra Mariana”, depois apenas “Mariana”. Agora Maricota “é a figura mais exótica e mais apreciada pelos espectadores do folguedo folclórico do Boi de Mamão catarinense” (Pereira, 2010, p. 127). Em seu livro Pereira relata que “Maricota representa uma mulher alemã de porte desproporcional em relação aos padrões do povo açoriano do litoral” (Pereira, 2010, p.127), o que faz muito sentido, mas deixa uma lacuna, por que então era conhecida por “Negra Mariana?”. Segundo Maria Cecília Domezi “o conceito da Negra Mariama referente a Nossa Senhora Aparecida foi introduzido por dom Helder Camara, em sua Invocação a Mariama, ao final da Missa dos Quilombos, que foi celebrada em Recife no dia 22 de novembro de 1981”(2020, s/p)

Alusão clara a origem do Boi ter vindo do Boi-Bumbá Nordestino como nos diz Doralécio Soares, mais uma vez as histórias se cruzam e descruzam. A origem do Boi tendo o ponto de vista de vários pesquisadores que a vivenciaram e cresceram ouvindo diferentes origens para esse folguedo pode muitas vezes serem parecidas ou outras totalmente diferentes. O folclore é isso: “o comportamento coletivo, tradicional, espontâneo anônimo, regional transmitido pela tradição oral.” (OLIVEIRA, 2010, p. 88). E como se é de se imaginar ao longo dos anos essas histórias vão se perdendo, moldando e se mesclando a novas culturas. Novamente pontuo que meu objetivo aqui é compartilhar as pesquisas e relacioná-las, não as julgar como certas ou erradas.

Após alguns versos, a música parou e a Maricota se posicionou no meio da roda de alunos e a música reiniciou agora com uma batida de um funk e enquanto os alunos cantavam: *Dona Maricota nariz de pimentão! Deixou cair a saia no meio do Salão!* Ao som da batida, a Maricota simulava uma dança de funk (imagem 13) que gerou gargalhadas pelo local. A quem ache que referências como o funk podem descaracterizar o Boi-de-Mamão, e ser uma afronta a essa cultura tão antiga. Em minha opinião e através de meus estudos, percebi que o Boi se adapta de acordo com cada comunidade, seus personagens, músicas e estilos de brincar, e que o funk hoje está presente na vida de quase toda criança ou adolescente. Trazer essa referência para o conceito do Boi-de-mamão, além de atrair os alunos fazer parte do grupo, representa uma forma de se divertir, e divertir quem observa. Apesar de defender essa ideia de Boi mais "atual" defendo que a brincadeira não pode ser totalmente descaracterizada, novos elementos são importantes para somar, não para modificar a história.

Imagem 13: Vaqueiro e Maricota dançando na Praça Nereu Ramos Criciúma/SC - 2019



Fonte: Acervo do pesquisador

Após a Maricota sair de cena, era hora da cabrinha. Diferente do Boi que avançava contra a plateia e tentava chifrar o vaqueiro. A cabra era calma e graciosa,

pulava e rodava, chegava mais próximo da plateia, era rosa e coberta por fuxicos e sua cabeça era verde (Imagem 14). Para Pereira “A cabrinha é uma figura indispensável nos grupos de Boi de Mamão. Não pode haver grupo perfeito sem essa figura” (2010, p. 122) Fernandes completa dizendo que “a presença da cabrinha no auto pela sua importância na alimentação dos recém nascidos” (2008, p. 47). Sua música possuía um refrão que todos podiam cantar: *É cabra! É cabra*, refrão esse pode ter tido origem nas touradas “na Espanha, durante as touradas em arenas, quando o touro não investe, não é bravo e valente, o público presente na praça de touros começa a gritar cabra, cabra, isto é, touro sem fibra” (PEREIRA, 2010, p. 55) Ou seja, o boi manso, o boi que não chifra, esse seria uma cabra. Por conta disto, a cabra entrava após o boi e dançava de forma mais graciosa, então para anunciar a cabrinha começa o refrão *E a cabrinha dá um pulo que assusta o Vaqueiro, É cabra! É Cabra!*

Figura 14: Cabra do Boi do Heriberto no evento Primavera e Paz, Quintas Culturais - 2014



Fonte: <https://www.unesc.net/portal/aicom/blog/32995-folclore-e-teatro-sao-atracoes-do-quintas-culturais>

Corre! Olha o Bicho que come gente! Foi o que gritaram após a cabrinha sair de cena e foi então que entrou a Bernúncia! Uma espécie de “dragão chinês” misturado com bicho papão que segundo a própria música cantada “*A Bernúncia é bicho bravo que engoliu mané João! Come pão, milho e bolacha, come tudo que lhe dão*”. Pereira afirma que “Ela é uma figura do imaginário bicho papão e é somente aqui em Santa Catarina que ela aparece. Crianças que não se comportam segundo as matrizes comportamentais em uso na comunidade, pode ser comida, ou engolida (2010, p. 100). Após a criança ser engolida “nasce para surpresa de assistência, uma bernuncinha que passa a seguir os passos da mãe: cena essa que recebe muitos aplausos dos que assistem.” (SOARES, 1978, p. 13). Segundo Câmara Cascudo

O Bicho teria sido inventado, talvez por um morador de São José, Santa Catarina, que procurou fazê-lo o mais grotesco possível e, antes de exibi-lo no folguedo do boi, foi mostrá-lo a uma tia, escancarando a boca, o que proporcionou a velha tal susto que ela o esconjuro, nervosa, repetindo o sinal-da-cruz: “Abrenuncio! Abrenuncio!”. E estava batizada a nova personagem. (2008, p. 65)

Segundo Pereira, “Latim era a língua universal da Igreja Católica. Durante o exorcismo, os padrinhos representando o batizado, eram chamados a confirmar pelo celebrante: abrenuncias satanáis? A qual os padrinhos respondiam: abrenuncio.” (2010, p. 114) Sendo assim temos o verbo abrenunciar como a expulsão do demo, dos espíritos do mal e do bicho papão, figura de possível origem da Bernúncia. Pereira também fala que “desde o início do século XIII na região da Galícia aparecia a desfilar e a aterrorizar los chicos, a COCA. Seria ela um monstro, um dragão representando o demo e o bicho papão e que comia crianças” (PEREIRA, 2010, p. 114). Ela seria a possível referência de origem para a criação da Bernúncia Catarinense.

A Bernúncia do Heriberto possuía uma cabeça laranja, olhos grandes e verdes de isopor, um pano com pelo menos 5 metros e dentro dela 7 pessoas dançavam. Diferente de outros grupos, a nossa Bernúncia não tinha o filhote que nascia no meio da apresentação, tendo como foco de sua apresentação assustar a plateia com o som que fazia sua boca ao abrir e fechar, como quem busca algo (ou alguém) para engolir.

Imagem 15: Bernúncia do Heriberto se apresentando em intercâmbio escolar. 2018



Fonte: Acervo do pesquisador

Neste momento, eu já havia me entregue ao espetáculo, não piscava, estava fascinado: como os alunos faziam aquilo? Então aquilo era a arte que transforma de que tanto falavam? Foi então que descobri que ainda não havia acabado a

apresentação e após todos os bichos se apresentarem, foi chamado todos eles de volta à cena para dançarem juntos uma última música. Tinha boi, médico, urubu, bernúncia e todos os outros personagens e então começou a cantoria! *Vamos embora minha gente! Bananeira Chorar chorar! Que o dia já vem raiando! Bananeira Chorar chorar!*

Imagem 16: Despedida do Boi do Heriberto na festa junina do Criciúma Shopping - 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador

E foi então que a apresentação acabou. Todos bateram palmas pelo ensaio bem sucedido, mas ainda havia tempo para mais um ensaio antes da aula e então a garota de cabelos coloridos olhou pra mim e disse: agora é sua vez de brincar!

3.1 A minha vez de brincar

Minha vez de brincar? Como assim? Não sei brincar! O desespero foi tanto na hora de ir à frente de todos e fazer um personagem, e se eu errar? Vão todos rir de mim? Aquilo foi assustador, mas já estava ali e não podia fugir, mas fiz uma condição, meu personagem deveria ser mascarado e sem falas. “As máscaras estão presentes no auto, seja como indumentária do boi, ou como vestes, e o ocultamento dos rostos das figuras humanas”. (FERNANDES, 2008, p.40). Esse ocultamento do rosto foi algo essencial para mim naquele momento, pois eu era um adolescente tímido e precisa entrar aos poucos naquela brincadeira. Fernandes nos diz que “na cultura indígena, quando os espíritos querem se apresentar aos homens. Assim, seus rostos tomam a

forma da máscara, as formas criadas pelo artista popular” (2008, p. 40). Isso pode mais uma vez apontar para a possível origem defendida por Doralécio Soares, a que o Boi-de-mamão tem origem no Boi-bumbá, representando um ser mítico, uma figura ritualística, pois, quando você veste a máscara você não representa mais você, e sim a essência do personagem representada nela, uma espécie de apropriação, “Assim, a máscara do boi-de-mamão marca uma mística do folclore popular, simbolizando poderes e veiculando as qualidades visíveis do evento” (FERNANDES, 2008, p. 41). E foi naquele dia que representei o Urubu do Heriberto.

Segundo o mestre Zé do Boi em uma das nossas muitas conversas, o urubu entrou no enredo do Boi-de-mamão em homenagem aos garis, pois, os urubus limpam a natureza como os garis limpam a cidade, e que como a cultura do Boi-de-mamão é muito forte no litoral catarinense é comum ver pescadores jogando cabeças de peixe para alimentar os urubus, mesmos pescadores que brincavam no Boi-de-mamão.

- Mas o que o urubu faz? Perguntei para a menina de cabelo colorido.

- Ele entra, incomoda o boi e todos da cena, além da plateia, ele também tenta bicar o boi, mas é sempre expulso por algum personagem.

Eu gostei, parecia algo divertido, mas ainda estava nervoso, pedi para me dizerem exatamente o que fazer, então entrei em cena com minha máscara de papel machê preta com um enorme bico amarelo e penas na cabeça, batendo os braços como se fossem asas, e biquei o boi! Logo o vaqueiro, para me expulsar, começou a correr atrás de mim, até que sai de cena.

- Gostou? Eles - do grupo - me perguntaram.

Respondi que sim e foi então que descobri uma das coisas que fez com que me apaixonasse pelo Boi-de-mamão. Ela me disse: Esse é só um roteiro principal, no Boi-de-mamão a gente improvisa a maioria das cenas, assim toda apresentação fica diferente, até por que cada um faz o personagem diferente, e é legal todos darem um pouco de personalidade para os personagens! Isso ficou na minha cabeça, como posso dar minha personalidade para o personagem, eu nem tenho falas, então após o horário de ensaio guardamos as peças e fomos para a sala, e durante aquela semana fiquei imaginando: o que posso fazer de diferente? E assim, como quando era criança e ficava imaginando as aventuras de meus heróis; fiquei imaginando cenas para esse

urubu, e busquei na minha memória minhas referências. Lembrei-me do teatro mudo de Tom e Jerry, do Didi dos Trapalhões, a Pantera Cor-de-Rosa, e todos os desenhos, programas e filmes que assistia, e percebi que a gente ria quando entendia a piada apenas pela mímica, então eu precisava criar cenas que eles entendessem a graça. Foi então que no segundo dia de ensaio, ainda em 2017, fui mais preparado, entrei voando em cena, todos me viam, menos o vaqueiro que estava distraído falando com a médica, andei na pontinha do pé, como o Tom fazia para se aproximar, escondido do Jerry, a plateia começou a rir, e fiz sinal de “Xiii” para eles. Neste momento, fui notado, e quando o vaqueiro veio para me expulsar, o surpreendi fazendo o “Golpe da Garça” (imagem 17), do filme Karatê Kid (Direção: John Avildsen, Breck Eisner e Christopher Cain, 1984). Naquele dia, tirei risadas de uma plateia pela primeira vez, e com uma cena que eu havia inventado naquele dia me senti artista, ousadamente artista. A gente ensaiava toda terça-feira no pátio da escola no intervalo do almoço, e diferente de muitos grupos, não precisava de um coordenador para nos chamar para o ensaio, a gente mesmo pegava as peças e ensaiava

Imagem 17:Eu como urubu no 3º Encontro de Bois de Mamão da Unesc. 2017



Fonte: Acervo do pesquisador

Segundo a BNCC “A aprendizagem de arte precisa alcançar a experiência e a vivência artística como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores” (BRASIL, 2018, p.193). Diversos professores passavam por ali, alguns batiam fotos, ou brincavam juntos, davam dicas, era bem divertido. Nessa mesma época comecei a namorar a garota de cabelos coloridos, seu nome era Quetlin, mais conhecida por Quet. Juntos, passávamos de sala em sala e recrutávamos novos

membros para o grupo, sempre acompanhados de Gracy Viana, a vaqueira e que veio a se tornar minha melhor amiga. Juntos, nós três éramos sinônimo de Boi-de-mamão na escola. Quando sumia uma peça, quando precisava consertar algum personagem, quando precisava explicar para um aluno novo como brincar no Boi-de-mamão, assumimos esse papel de orientação e motivação para a participação no grupo de Boi-de-mamão. Ali, praticávamos a auto-formação, que para Josso é:

[...]um empenhamento pessoal, afetivo, com uma ligação entre os saberes e a vida, entre a vida cotidiana e os problemas internacionais, com a possibilidade de escolher e buscar conhecimentos nos livros, independentemente daqueles selecionados pelos professores (2004, p. 8)

Pela primeira vez comecei a me ver como alguém que tinha algo para somar ao próximo, minhas vivências eram válidas, isso nos motivava a sempre melhorar. Mas para que ensaiar? Essa pergunta começou a surgir no grupo, e logo descobrimos que era para apresentar. Foi isso que aconteceu, após tanto ensaio começamos a nos apresentar, no começo foi nas festas da escola, depois começamos a nos apresentar nas escolas próximas, depois as escolas de bairros vizinhos, era uma sensação boa. Teve uma vez em que alguns alunos pediram para tirar foto com os artistas, acho que nunca sorri tanto para uma foto antes, amava aquela sensação, não brincava mais sozinho, brincava com meus amigos. Brincava para um público, e éramos pagos com gargalhadas e palmas, e isso nos bastava, as apresentações geralmente eram no contraturno da escola, nem sempre ganhamos nota para isso, e isso foi o diferencial daquele grupo. Logo as escolas já não eram o suficiente para o Boi do Heriberto, queríamos nos apresentar para mais público. Lembro que ainda em 2017 fomos convidados a nos apresentar na praça Nereu Ramos (Criciúma/SC), em um evento cultural, e para chamar o povo para o centro da apresentação a professora Silemar sugeriu um cortejo². Foi quando a gente saiu pela praça desfilando e cantando para atrair o público, fui fantasiado de urubu e comecei pregar “pegadinhas” em todos lá presentes, e o pessoal mais velho já mais familiarizado com a brincadeira do Boi-de-

² Cortejo é uma “atividade ritual realizada por um grupo em forma de caminhada ou trajetória geralmente acompanhando um objeto de homenagem, que pode ser uma imagem, um símbolo ou pessoa. Pode anteceder ou ocorrer durante festas, ritos religiosos, cívicos ou fúnebres.”
fonte<

mamão, caia na brincadeira e virou uma brincadeira de “espantar o urubu”. Aquele dia foi marcante e ao final da apresentação foi tirada a foto que é meu registro mais antigo no Boi do Heriberto.

Imagem 18: Boi do Heriberto Hulse na Praça do Congresso, Criciúma/SC - 2017.



Fonte: Acervo do pesquisador

Logo nos apresentamos em vários eventos representando a parceria da Escola com a Unesc em algumas apresentações, já que nosso projeto era fruto do Boi-de-Mamão na comunidade, projeto de extensão universitária que a professora Silemar era coordenadora junto com uma outra professora da Universidade, que conhecemos como Lenita. Em função da parceria com a Unesc, tivemos a participação do coreógrafo Maxwell Sandeer Floor, que nos dava umas dicas sobre dança dramática do Boi-de-mamão, que aprendeu com seu avô que era mestre de Boi-de-mamão: seu Mané Rosa.

Imagem 19 - Max, Lenita e Sila fazendo uma fala sobre o projeto antes da apresentação. 2018



Fonte: Acervo do pesquisador

Fiquei sabendo que todo ano o Boi do Heriberto dançava em um evento chamado “Encontro de Boi-de-Mamão”, que ocorria na Unesc e era organizado pelo projeto “Boi de Mamão na comunidade”. Já havia ocorrido duas edições e que no dia 17/11/2017 íamos participar do terceiro encontro de bois de mamão junto a mais outras três escolas. Que emocionante! Veria outros Bois! Já brincava de boi há quase um ano, mas ainda não tinha visto outro se apresentar. Assisti as apresentações dos bois das escolas Adolfo Back, Julieta Torres Gonçalves e Padre Ludovico Coccolo, esta última, coordenada pelo professor Marcos Antônio dos Santos, que também foi muito importante em minha formação.

Para essa apresentação, queria criar uma cena nova, e com troca de Gracy do papel de vaqueira para o de Boi, o aluno Luiz Felipe entra como vaqueiro e então passamos a criar algumas cenas juntos. A mais engraçada era uma cena onde o Urubu após picar o Boi começar a dar voltas ao redor do mesmo, com o vaqueiro o seguindo, após duas voltas o urubu parava de correr, porém o vaqueiro que estava olhando para o chão, não percebe e continua girando, demora alguns instantes até o vaqueiro perceber que o urubu já parou de girar e está o observando entediado do lado de fora, neste momento o vaqueiro se enfurece a expulsa o urubu de cena a pontapés enquanto o urubu grita pula e se esperneia, o urubu só não é mais barulhento que a plateia que aplaude e dá gargalhada da cena.

Imagem 20: Vaqueiro e Urubu no 3º Encontro de Bois de Mamão da Unesc - 2017



Fonte: Acervo do pesquisador

Em 2018, já estava na terceira série do ensino médio, e bem mais familiarizado com os palcos, tão familiarizado que não queria mais sair dele. Entrava em cena diversas vezes, para pregar peças nos membros, porém isso começou a ser um problema, pois o personagem principal do enredo é o Boi e o Vaqueiro e não o Urubu.

3.2 QUANDO O VAQUEIRO DÁ O TOM: AUTORIA E AUTONOMIA.

Um dia, após uma apresentação, a professora Silemar disse que eu representando o urubu, chamava atenção demais, e que em uma apresentação precisava deixar outros aparecerem, inclusive o Boi que era personagem principal no enredo. Não sei se foi planejado, mas naquele mês o Luiz Felipe precisou sair do grupo e precisávamos de outro vaqueiro, Quet e Gracy acharam que eu deveria tentar, e logo na primeira vez, amei! Eu já sabia as falas, pois sempre ensaiava as cenas com meus colegas, e improvisar falas além de apenas movimentações e mímicas era outro universo de possibilidades, além de poder interagir com todos os personagens do enredo e criar cenas com todos eles. Mas falar em público ainda era difícil para mim, precisei ensaiar bastante para me sentir preparado para apresentar, mas logo já me

sentia pronto, e criei sinergia com a narradora, criamos tantas cenas em ensaios que na hora de apresentar a gente tinha um leque de piadas e cenas, um simples: Bom dia Vaqueira! Desbloqueava uma série de cenas que ia se transformando de apresentação para apresentação.

Imagem 21: Vaqueiro dançando com o Boi em um ensaio - 2019



Fonte: Acervo do pesquisador

Logo fomos notados fora de Criciúma! Em 2018 participamos do II Encontro de Boi-de-Mamão da Ibiraguera, que ocorria em Imbituba - SC e trazia grupos de vários lugares. Em geral, 2018 foi o ano que nos define melhor como um grupo de boi. Nos apresentamos todo mês em um lugar diferente, entre junho e agosto, que ocorriam as festas juninas e mês do folclore, éramos disputados, e sempre que a escola recebia um convite para apresentar o diretor Sidney nos avisava e dava um jeito para a gente participar, no dia do encontro de Bois de Ibiraguera por exemplo, fomos com a topique dele, e com todos os personagens em uma carrocinha amarrada atrás, e na hora de apresentar o Sid, como chamávamos nosso diretor foi a cabrinha.

Imagem 22: Macaco e Urso no Encontro de Bois de Mamão do Ibiraquera - 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador

Chegou o final do ano, e junto dele nossa despedida da escola, já estávamos no terceirão e estava na hora de deixar nosso boizinho para outros brincarem, mas antes do fim do ano a professora Silemar chegou para nossa turma e nos explicou mais uma vez, que nosso grupo foi fruto de um projeto de extensão aprovado pela Unesc lá em 2013, Ela possuía um grupo de bolsistas que eram estudantes de Artes Visuais e passavam uma certa carga horária estudando e produzindo conhecimentos sobre Boi-de-mamão em troca de bolsas de estudos, e que se alguém tivesse interesse em cursar Artes Visuais, poderia falar com ela para tentar a bolsa e assim estudar sobre o Boi-de-mamão!

4. O CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA E O BOI-DE-MAMÃO

Na primeira semana de curso de Artes Visuais perguntei a diferença de uma licenciatura para um bacharelado? Uma pergunta que revelava a fragilidade de meus conhecimentos sobre a escolha que fiz. Sempre achei muita responsabilidade ser professor, pois, professores devem ser exemplos para os alunos, e nunca me considerei exemplo para ninguém.

Após entrar no curso, também entrei em contato com a Sila, que gostou de saber que um dos seus alunos do Boi-de-mamão entrou no curso de Artes Visuais, e na hora já me pediu alguns dados para inscrição na vaga de bolsista do Projeto do Boi.

4.1 O PROJETO DE EXTENSÃO: BOI DE MAMÃO NA COMUNIDADE

Imagem 23: Vini e Quet puxando o cortejo do Boi-de-mamão do Morro Chato



Fonte: Acervo do pesquisador.

O “Projeto Boi-de-Mamão na Comunidade: Intercâmbios Culturais Que Fazem Diferença” tem o compromisso de dar continuidade à história do Boi-de-mamão da FUCRI/UNESC, ao qual foi desenvolvido nos anos de 1980 a 1990 por acadêmicos e funcionários da instituição. O projeto vai além da universidade, formando parcerias com as escolas públicas, como foi o caso da escola E.E.B Gov. Heriberto Hulse, que foi a primeira escola a ser atendida por esse projeto a partir do edital Nº 23/2013, intitulado Boi de Mamão na Comunidade: Reflexões sobre Memória, História, Arte Popular, e

Identidade Cultural, que se desenvolveu nos anos de 2014/2015. E que além do Boi do Heriberto também atendeu a comunidade da escola E.M.E.B. P. Ludovico Coccolo. Segundo a Resolução n.12/2015/Consu:

A extensão na Unesc é assumida como dimensão que proporciona, aos docentes e discentes o contato com a realidade social favorecendo a articulação do ensino e da pesquisa. Poderá ser entendida enquanto serviços que a Universidade presta à sociedade, gerando alternativas de ação que atendam as expectativas e problemáticas da população e ainda, ser um espaço fértil para o exercício e a conquista da emancipação crítica, tanto da comunidade acadêmica como da sociedade. (p. 13)

E como fruto desse espaço fértil que foi criado pela comunidade acadêmica, passo a participar do projeto como bolsista de 20 horas semanais e passo minhas tardes no bloco de Artes visuais na sala Z1. Em nossa primeira reunião me foi passado meus horários, funções e primeiras leituras. Fiquei muito feliz em saber que uma das minhas atividades como extensionista seria ir uma vez por semana ao colégio Gov. Heriberto Hulse acompanhar os ensaios do Boi-de-mamão, pois:

Nas atividades extensionistas a universidade estabelece um diálogo com a comunidade. Este diálogo permite o contato com diferentes realidades que proporcionam a reflexão, o aprendizado e a revisão de ações, currículo e da estrutura universitária. Isso significa que a extensão promove uma interação que transforma não só a universidade, mas também a comunidade com as quais ela interage na medida em que oportuniza a transformação social, a autonomia e o empoderamento para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. (Resolução n.12/2015/Consu p.16)

Ser extensionista é ampliar seu olhar sobre o mundo diariamente, é ver de outros ângulos uma comunidade, poder conhecer e ouvir suas histórias. É poder aprender com ela e estender esse conhecimento a outras comunidades, como nos diz Josso:

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (2007, p. 419)

Analisando as histórias a seguir sobre meu percurso como bolsista deste projeto me faço ciente das contribuições que o contato com essas comunidades me proporcionou.

4.2 O RETORNO ÀS ESCOLAS: EXPERIÊNCIAS QUE SE CRUZAM

A sensação que tive ao voltar para o Heriberto como bolsista era ótima, fui recebido com muito carinho, e apresentei um pouco sobre o que era o Boi-de-mamão e como brincar com ele, pesquisei muito sobre a origem deste folguedo, e tudo que precisava para ministrar uma oficina. Pois até o momento ainda era um brincante com o desejo de passar meus conhecimentos desenvolvidos nos últimos anos apresentando. E foi quando meu gosto pela pesquisa deste folguedo começou, pois quanto mais eu lia, mais dúvidas me surgiam, e cada resposta montava um quebra-cabeça, e cada vez mais me aprofundei mais no tema e na história que cercava este folguedo. Estudava na universidade o como lecionar, pesquisei a importância do ensino da arte, estudava BNCC, e cada vez mais via como o Boi-de-mamão se encaixava no ensino das artes, e decidi por não trocar de curso no fim do semestre, mas sim de pesquisar o que o Boi-de-mamão tinha para somar na educação. Cada vez que achava a resposta para uma de minhas dúvidas outra surgia, entre elas a do por que não se via mais grupos de Boi-de-mamão circulando a nossa região, sendo que é uma das manifestações folclóricas mais ricas de ser trabalhada em sala de aula, desenvolvendo inúmeros habilidades nos alunos como, interpretação, música, comunicação, história, coordenação motora entre diversas outras habilidades. E foi então que decidi fazer algo para mudar isso, considero que desde o dia que entrei na universidade estive plantando sementes de mamão, algumas não vingaram, outras ainda não tiveram tempo suficiente e de algumas nasceu um boi!

Com certeza o Boi-do-Heriberto foi uma escola para mim, pensa-se aqui a escola como o espaço que guarda e conserva a tradição cultural

Contraopondo-se à transmissão mecânica de saberes, à repetição de conhecimentos técnicos, compartimentados e sem sentidos da sociedade capitalista. Um lugar onde se compartilha com os mais novos o conhecimento acumulado durante a história humana (TARDEGO, 2016, p.122).

Nos meus 18 anos, ministrava oficinas para pessoas da minha idade, e muitas delas eram meus colegas de apresentação dos últimos anos, precisei desenvolver metodologias para coordenar essas oficinas, e foi como um laboratório, com acertos e falhas. Havia dias que não conseguia os resultados esperados e me frustrava, e outros em que o resultado era surpreendente e me dava força para continuar.

Concordo com Tardego quando cita que “quando o professor experimenta ele tem contato com as potencialidades, limites e erros, tornando-se o mais presente no cotidiano e consciente do papel docente na escola” (2016, p.124). Não seria equívoco falar que foi errando que aprendi, trilhei um caminho de formação pouco explorado, não existia uma fórmula pronta de como coordenar um grupo folclórico. Foi assim que durante 2019 além de passar uma tarde por semana coordenando o grupo do Heriberto, passava outras 4 tardes na Unesc pesquisando sobre o tema ,aprendendo a cuidar e fazer as manutenções do acervo do Boi-de-Mamão da Fucri/UNESC, e produzindo artigos científicos sobre nossas pesquisas e escrevendo relatórios sobre as ações desenvolvidas pelo projeto, e todo essa pesquisa extracurricular ajudou a me capacitar como oficinairo, artista e aprendiz de professor. Segundo Josso:

A atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas, e situa-se em seu percurso de vida como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto(s) de vida e sua (s) demanda (s) de formação atual. (2007, p. 421).

Boi-de-mamão era um escape para mim, na época, eu ainda não via aquilo como uma profissão a seguir, mas sim uma atividade que eu gostava e queria aproveitar o máximo possível enquanto acadêmico e aprendiz de artista. Além de coordenar os ensaios eu ainda seguia me apresentando com o grupo interpretando diversos personagens, além é claro de observar os alunos e aprender com eles outras formas de interpretar cada personagem, tornando assim o ensaio em uma troca de experiência. Após alguns meses de ensaio o Boi do Heriberto voltou a ativa se apresentando pela comunidade de Criciúma e em encontro de Bois como foi o caso do II ENCONTRO DE BOIS DE MAMÃO DE GAROPABA, que ocorreu em janeiro de 2019. Esse foi um encontro que me marcou, pois tudo pareceu tão perfeito: chegamos de manhã e o sol estava lindo, organizamos nossas peças e fomos para a praia, curtimos um dia de praia e logo à tardinha junto com os outros grupos que estavam se apresentando lá fomos para o centro, e foi lá, de trás de uma sorveteria que minutos antes do cortejo inicial, estava treinando a laçada no boi, pois eu ia desfilar como o cavaleiro, tentei e falhei incontáveis vezes, um senhor me observava de longe, e após mais algumas falhas ele se aproxima, e me diz que daquela forma eu nunca ia conseguir laçar, e então me ensinou como fazer o nó e arremessar o laço, e então se

despediu e sumiu em meio à multidão, enquanto o desfile não começava continuava a treinar, agora com as novas técnicas aprendidas. Foi então que anunciaram o começo do evento e os cinco grupos saíram em um cortejo, havia dezenas de cantores e tocadores, cantando juntos em um coral, a rua que percorremos era a beira mar, e era possível ver o sol se pondo enquanto desfilavam até a Praça 21 de Abril. Neste trajeto, enquanto dançávamos, eu corria até a frente do cortejo e depois voltava até o fundo; passava pelo meio dos tocadores e outros brincantes que manipulam os personagens de seus respectivos grupos. Quando me deparo com aquele senhor que me ensinou a laçar, assistindo o desfile. Fiz questão chamar meu colega que manuseava o Boi e pedi para se posicionar na frente daquele senhor, e foi então que me preparei, rodei o laço e joguei em direção ao boi, o pegando pelos dois chifres. Olhei para o senhor e ele comemorou comigo. Essa é uma história que marcou muito e carrego comigo até hoje, pois naquele momento aquele senhor me passou uma técnica provavelmente passada para ele por seus antepassados, de maneira simples, de forma oral, naquele momento eu vivi a essência do folclore. Nunca mais vi aquele senhor, nem sei seu nome, mas no momento que a história dele se cruzou com a minha nossas histórias ficaram interligadas, e hoje ensino para todos meus alunos cavaleiros e cavaleiras a técnica que aprendi naquele dia. Relembro este dia aqui, pois:

Cada história é trabalhada visando perceber os momentos de articulação, muitas vezes fundadores, os valores que orientaram as escolhas, os registros das ciências do humano nos quais as experiências são relatadas, as dialéticas que permitem compreender as orientações gerais de uma vida, as atitudes e aprendizagens do sujeito nas situações, nos acontecimentos, nos encontros e nas atividades impostas ou escolhidas ao longo da vida. (JOSSO, 2007, p. 421)

Naquele momento tive uma tomada de decisão, queria viver daquilo e analisar esses momentos hoje, me faz perceber que essa paixão pelo Boi-de-mamão é reflexo de toda uma formação que vai encontrando sentido quando se cruza com outras histórias. História essa que chega até mim através da vontade de professores de passar seus saberes e conhecimentos sobre a brincadeira, vontade de manter vivo o folclore para as próximas gerações, desde a história narrada até a forma afetiva de como conheci essa brincadeira, tudo isso foi fundamental no meu processo de formação, foi a partir destas experiências que entendi o papel da extensão. Andei por diferentes lugares, conhecimentos e histórias que antes eram inacessíveis para mim. Tornei-me extensionista do mesmo projeto que fui contemplado e pude atender à

mesma comunidade, de certa forma tendo dois lugares de fala, duas percepções diferentes do que é extensão. Vivi a extensão nesses dois lugares e não precisei de provas que a extensão funcionava, ou motivos para acreditar que levar até a comunidade o Boi-de-mamão era importante, pois sou fruto desse projeto, ou como um amigo já me descreveu certa vez, sou filho da extensão.

Fui extensionista do Projeto Boi-de-Mamão na comunidade, de 2018 a 2022, e durante quase todo esse tempo acreditava que o meu papel como extensionista era levar as pesquisas desenvolvidas na universidade para a comunidade e difundi-las, acreditava que como pesquisador de Boi-de-mamão, e acadêmico de licenciatura, precisava levar conhecimento para a comunidade. Pensava que precisava ler o máximo possível sobre este folguedo para saber tudo na hora de ministrar uma oficina. Esse esforço que tinha, me rendeu reconhecimento aos poucos meus professores começaram a me chamar de Menino do Boi, pois estava sempre falando e pesquisando algo sobre esse assunto. Não importava a matéria, produzi Bois de cerâmica, aquarela, lápis de cor, acrílica, fiz estágios com esse tema e pesquisei bastante. Certa vez, a professora Silemar até me disse que eu enxergava o mundo através do Boi-de-mamão.

Durante esses meus quase 4 anos como bolsista do projeto conheci diversas pessoas que foram fundamentais na minha formação; uma delas foi a professora Juliana Pereira Guimarães que também teve em sua infância uma relação com essa brincadeira e possuía a vontade de estender essa paixão até seus alunos do Colégio Unesc. E para isso mobilizou, professores, alunos, pais e a comunidade geral para o nascimento de mais um grupo de Boi. Uma vez por semana eu acompanhava a professora na construção das cabeças dos personagens, enquanto outros professores e pais de alunos ensaiavam o grupo e construía os corpos dos personagens. Eu já havia auxiliado no restauro das peças do Boi do Heriberto e da Unesc, mas nunca havia construído nada do zero. Sempre via a bolsista Bárbara Sonai modelando e pintado diversas peças e resolvi tentar, e enquanto a professora Juliana ia modelando os outros personagens modelei em papelão uma cabeça para o Boi.

Imagem 24 - Encontro para confecção da cabeça do Boi da escola Unesc - 2019.



Fonte: acervo do pesquisador.

As semanas foram se passando e as peças foram criando formas, certo dia a professora Juliana me disse que havia convidado um professor do município que tinha bastante contato com essa brincadeira para auxiliar, seu nome era Marcos Santos, o mesmo professor que eu já havia visto em alguns encontros de Boi-de-mamão da Unesc enquanto aluno do Heriberto. A Professora Juliana nos apresentou e pediu para a gente ir modelando uma cabeça para a Maricota enquanto pintava a cabeça do Boi que já havia sido modelada. Minutos depois me vi percorrendo a universidade com o professor Marcos atrás de lixeiras para conseguir materiais recicláveis, e a partir de um cabo de vassoura, garrafa pet, papel e cola ele moldou uma Maricota. Parecia uma espécie de Professor Bugigangas cabeludo das artes, enquanto auxiliava o professor na construção dessa cabeça íamos conversando, trocando saberes, e compartilhando histórias sobre o Boi-de-mamão. Após 2 meses de produção, o Boi estava pronto para se apresentar, e já havia local e data: 27^a Festa de Inverno do Colégio Unesc no dia 06/07/2019. A convite da professora Juliana me apresentei junto aos alunos como a Maricota, e enquanto girava com essa personagem em meio ao palco, podia ver os olhos brilhando dos alunos e suas risadas enquanto dançavam junto a Dona Maricota. Esse foi o primeiro grupo que acompanhei desde o nascimento.

Imagem 25: Boi do Colégio Unesc na 27ª Festa de Inverno do Colégio Unesc.



Fonte: TudoEhFesta.com

Toda a história de criação desse grupo foi registrada pela professora Juliana em livros artesanais intitulados "DÁ LICENÇA QUE MEU BOI QUER PASSAR". O nome do livro representa sobre a prática desta brincadeira nas escolas. No começo deste projeto, eu achava quase impossível montar um grupo inteiro de Boi-de-mamão em dois meses, mas professora Juliana pediu licença, e mobilizou toda uma comunidade para fazer esse boi acontecer, e aconteceu. A partir disso, pude tirar duas lições importantes: a primeira é: nunca desista antes de tentar; e a segunda é: a união faz a força. Boi-de-mamão é sobre isso: a união de uma comunidade e que não desiste de tentar manter vivos seus saberes e tradições.

Meses se passaram até eu receber uma mensagem do Professor Marcos, convidando eu e Quet para acompanhá-lo em um ensaio, e passar algumas dicas de atuação para seus alunos. Nós topamos e foi quando conhecemos o Boi-de-Mamão da escola Julieta Torres em Nova Veneza/SC, grupo fundado e coordenado pelo professor Marcos. Ele disse que o grupo era novo e que gostaria de criar um enredo único para aquele grupo, antes de irmos à escola, professor Marcos no levou a uma igreja próxima, uma praça, e para conhecer os arredores da escola, dizendo que isso era para nos inspirar. Algo que se via bastante eram pés de Goiaba, e então já criamos ali a benzedura para reviver o Boi: "eu benzo esse boi com a folha da goiabeira, levanta meu boizinho, ta na hora da brincadeira". Em homenagem aos padroeiros São Bento e São João, criamos o macaco Bento e o urso João, ali aprendia na prática a importância

de se conhecer o local onde você vai montar seu grupo de Boi-de-mamão, pois, afinal de contas um dos objetivos deste folgado é contar uma história de seu povo. Essa história necessita falar diretamente com seu público, precisa conter elementos de sua comunidade.

Após voltarmos para a escola, conhecemos os personagens e vimos mais uma vez a criatividade do Professor Marcos para confeccionar as peças, eu perguntava como ele fez cada um dos personagens. Após aquele dia, conhecendo a escola e a cidade, fomos para casa e começamos a produzir. Quet compôs uma música única para o grupo, com uma batida de tambor que lembra um funk, porém com uma levada de Boi-de-mamão. Desenvolvi um roteiro que englobava nele referências a história da cidade e dialogava com a canção. Professor Marcos continuou ensaiando esse grupo até a pandemia do Covid-19 em 2020, quando precisou parar as atividades devido ao afastamento social, mas isso trouxe à tona nos alunos uma saudade de brincar o Boi, e foi quando o professor Marcos entra em contato conosco novamente e nos convidada a bolar um plano de mostrar o Boi de forma remota para os alunos. Foi quando tivemos a ideia da criação de um curta-metragem, Para a trilha sonora já havíamos a canção composta por Quet, de figurino os personagens criados pelo professor, de cenário, tínhamos a cidade de Nova Veneza, só faltava o roteiro, e foi quando lembrei da época que escrevia contos de fantasia e uma faísca de inspiração me bateu. Roteiro pronto chamado: “A Fuga do Boi - Cultura Mamoneira³”. A história deste curta se inicia quando o Saci resolve pregar uma pegadinha na cidade e da vida as peças do Boi-de-mamão da Julieta que saem correndo pela escola e locais próximos, assim, matando um pouco da saudade das crianças de ver o Boi e a Escola. Em 2021 o curta é selecionado e exibido no 8º Talento Cultural Unesc.

Imagem 26: Curta “A Fuga do Boi” no Youtube



Fonte: acervo do pesquisador.

³ Disponível no Youtube; <https://www.youtube.com/watch?v=lqdMFDfuVpE>

E assim surge mais uma experiência, mais um conhecimento, mais uma troca. Me sinto vivo, me sinto artista e pesquisador, inclusive foi assim que o Professor Marcos me apresentou para a turma da escola E.M.E.B. Serafina Milioli Pescador, como um artista-pesquisador. Foi algo que estranhei, pois, o processo para me ver assim foi difícil. Conviver em espaços com artistas circulando para todo lado, como era o caso da universidade, e eventos culturais que comecei a frequentar nessa época. Pode ser algo intimidador para quem está se tornando aprendiz de artista. Aprender com eles, e ser reconhecido como um deles, é sentir que estamos no caminho. O Boi da escola Serafina era mais uma das obras do mirabolante “professor Bugigangas”, que a partir de latas de amaciante moldou as cabeças dos personagens, que após a *papietagem* ficaram incríveis. Ele havia pedido auxílio, mas com o ensaio teatral e musical do grupo, o qual após dois ensaios já estava se apresentando na festa da Família da escola.

Imagem 27: Apresentação do Boi-de-mamão da Serafina na Festa da Família de 2022



Fonte: acervo do pesquisador.

Professor Marcos fazia questão de levar uma apresentação de Boi em todas as festas da família das escolas que trabalhava, algo que admiro, pois, levar essa cultura também a família das crianças é estender ainda mais o papel da arte e da educação na formação do sujeito. Revivendo na plateia memórias. Memórias essas, que pude ouvir em forma de histórias contadas por esses pais e avós, que após as apresentações,

vinham emocionados compartilhar suas histórias de vida com o Boi-de-mamão, quase como um movimento natural, o partilhar das histórias entre quem apresenta e quem assiste é algo comum nas apresentações desta brincadeira. E não foi diferente no Ceja de Criciúma, onde a convite do professor, fizemos um ensaio aberto na cantina da escola durante a festa da família.

Imagem 28: Professor Marcos dançando como o Boi na festa da Família do Ceja de Criciúma, 2022



Fonte: acervo do pesquisador.

Ministrar oficinas para adultos é bem diferente, pois é necessário cuidar para não acabar os tratando como crianças, assim como nos acostumamos em nossos estágios e oficinas. Mas aquele não era meu primeiro contato com o Ceja. O projeto Boi na Comunidade também recebia visitantes de outras escolas, ou instituições, que gostariam de conhecer o acervo. E essa mediação eram feitas pelos bolsistas, acompanhados muita das vezes pelas coordenadoras. Em algumas dessas oficinas o coreógrafo Maxwell Sandeer Flôr, o Max, nos acompanhava. Nessas mediações começamos a fazer oficinas abertas, onde os grupos vinham e após conhecer um pouco sobre a história e visitar o acervo, eles brincavam com as peças. Comecei a observar como o Max fazia, seus passos com as peças, que ele chamava de dança dramatúrgica do Boi-de-mamão, mesmo conjunto de passos que repasso para meus alunos em minhas oficinas. Observava como ele conversava com público e como

chamava para dentro da roda. Certa vez veio para uma visita um grupo de Ceja de São João do Sul. Como eu não tinha experiência em ministrar oficinas para um público mais velho observei Max iniciar a oficina, e à medida que fui me acostumando ia interagindo mais. Ali tive a oportunidade de trocar saberes e experiências. Dois meses depois, no 5º Encontro de Boi-de-Mamão da Unesc, junto aos grupos do professor Marcos, o Boi da Fraternidade e o Boi do Heriberto, estava o Grupo da escola Quintiliano João Pacheco, o Ceja com quem fizemos oficina. Foi incrível ver o resultado deles e perceber que fiz parte daquilo. Afinal, boa parte dos alunos disse nunca ter brincado de Boi-de-mamão antes. O grupo do Ceja segue se apresentando até hoje e levando por onde passa um pouquinho dessa história que vai se cruzando e criando novas narrativas, cumprindo o papel da extensão e tornando a arte e cultura acessível a todos.

Imagem 29: Oficina ministrada por Max e Vini na Praça do estudante, Unesc.



Fonte: acervo do pesquisador.

Seria impossível falar sobre pessoas que têm suas vidas ligadas ao Boi-de-mamão sem citar o Mestre Zé do Boi de Tubarão/SC. José Marcondes, mais conhecido como Zé do Boi, é mestre popular e teve contato com essa brincadeira desde criança pois é filho do Mestre Beijo, fundador do grupo folclórico Beco do Beijo, o qual toda a família dançava incluindo Zé do Boi e seus irmãos. Após o falecimento de seu pai, Zé

do Boi passou a coordenar o grupo e se apresentar pela região. Após sua aposentadoria de anos como segurança, profissão exercida pelo mestre para se sustentar, pois o mesmo diz já ter ministrado e ajudado a criar mais de 80 grupos, todos de maneira gratuita, com o único intuito de valorizar e difundir o folclore local, ele fundou “A Casa Da Cultura Do Boi De Mamão”, museu o qual o mesmo atende em média de forma gratuita visitantes além de receber escolas da região. O museu foi feito 100% com recurso próprio e conta em seu acervo com as peças originais do “Beco do Beijo”, imagens, registros históricos, artesanatos, livros, gravações, além de peças e pinturas produzidas pelo mesmo, anexado ao museu está a oficina do mestre onde o mesmo produz de forma gratuita as figuras do folgado para escolas da região. A história do mestre Zé do Boi é inspiradora, e se cruzou com a minha em uma das minhas tardes no projeto, estava na sala Z1, auxiliando a bolsista Bárbara Sonai, na confecção de máscaras de Boi-de-mamão, quando a professora Lenita, entra na sala nos apresentando o Mestre Zé, que havia vindo fazer uma visita ao acervo, foi quando o mesmo nos contou que era amigo do Edi Balod: artista plástico, poeta, escritor, jornalista, professor e fundador do grupo de Boi-de-mamão na Fucri na década de 80. Zé do Boi relatou que também havia ministrado oficinas de Boi-de-mamão na Fucri nos anos 80 a convite de Edi Balod.

Imagem 30: Zé do Boi visita a sala Z1 na Unesc. 2019



Fonte: acervo do pesquisador.

Mestre Zé e eu acabamos ficando bem próximos, trocamos mensagem frequentemente, e sempre que visitava Criciúma, Seu Zé passava em minha casa, ou na sala Z1 para me contar sobre suas últimas oficinas. Eu fazia o mesmo, uma relação

de aprendizado e troca de experiências começou a surgir. Logo Zé do Boi, com uma relação mais próxima com o projeto Boi na Comunidade da Unesc, começou a participar dos encontros de Bois, acompanhar os grupos em oficinas em escolas da Região. Zé passou a ser junto aos professores já citados aqui uma inspiração para mim e Quet. Tive a oportunidade de ver um mestre popular ministrar oficinas, também aprendi suas técnicas de construção artesanal de personagens.

Imagem 31: Oficina ministrada pelo Mestre Zé do Boi na Escola E.E.B Morro Chato. 2022



Fonte: acervo do pesquisador.

Quando íamos a Tubarão, eu e Quet, sempre visitávamos o Seu Zé e sua esposa Flávia, que sempre foi o braço direito de Seu Zé e carrega junto ao seu Zé a fundação de diversos grupos a qual passou noites costurando as roupas dos personagens além de agir por trás dos bastidores todo esse tempo. Nessas visitas, passamos os quatro a tarde inteira compartilhando histórias de Boi-de-mamão, e ali aprendemos através da experiência deles, através da contação de Histórias de seu Zé me foi passado anos de conhecimentos adquiridos por ele. Seu Zé era um mestre Griot, o indivíduo que na África Ocidental tem por vocação preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo; existem griôs músicos e griôs contadores de histórias.

Certa vez a convite de Seu Zé fomos a Laguna ver a apresentação do grupo Encantados Contadores de História, grupo que já havia conhecido no I Encontro de Boi de Mamão da Ibiraquera a qual uma das atrizes foi aluna de boi de Zé do Boi quando

criança. Após a apresentação fomos juntos a um restaurante, Seu Zé como sempre saia fazendo piadas com todos enquanto comiam, e quando riam ele batia uma foto, geralmente eram piadas, mas naquele dia ele me disse que estava feliz por saber que quando ele partisse eu e Quet levaríamos seu legado como aprendizes, e que seríamos ótimos mestres de Boi-de-mamão um dia. Não tive reação naquele momento, me gelei inteiro. Seu Zé representava muita coisa para mim, sua história conversava muito comigo, e saber que ele gostaria que seguíssemos essa história foi sem dúvida um dos pontos que marcaram minha formação. Comecei a ter também o objetivo de um dia me tornar um mestre de Boi-de-mamão! O Mestre Menino tem uma boa sonoridade para mim.

Imagem 32: Max, Zé do Boi e Bolsistas do Boi se preparando para uma visita à comunidade.
2022



Fonte: acervo do pesquisador.

Mas para se tornar um mestre é preciso pesquisar, e foi pensando nisso que também participei do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), com a intenção de desenvolver mais minhas pesquisas em Boi-de-mamão. Lá sobre a coordenação da professora Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira e professora Sheila de Souza Brigido, desenvolvi um plano de aula que tinha como propósito montar um grupo de Boi-de-mamão em sala de aula em oito semanas. Era uma proposta ousada, visando que deveria construir as peças, desenvolver enredo e música, além de ensaiar

os alunos, mas já havia visto a professora Juliana e o professor Marcos fazendo isso, e resolvi desenvolver meus métodos para alcançar esse resultado a partir das experiências compartilhadas com eles em minha formação. O trabalho foi concluído e apresentado na XII Semana de Ciência e Tecnologia da Unesc, tendo alcançado bons resultados. Toda essa pesquisa me auxiliava diretamente nas oficinas, pois percebi que quanto mais estudava, mas tinha propriedade sobre o que estava falando e me sentia mais seguro.

Em 2022 Samuel passa a integrar a equipe de Bolsistas do Projeto Boi na Comunidade, que neste ano tinha como objetivo resgatar a cultura de Boi-de-Mamão na comunidade do Morro Chato em Turvo/SC. As oficinas iniciaram ainda de forma remota por conta do Covid-19, onde fazíamos contação de história e oficinas de dobradura. Aos poucos enquanto as coisas iam voltando ao normal, percebemos a necessidade de iniciar os trabalhos, pois as crianças já estavam em casa, isoladas a dois anos. Foi quando iniciamos a produção das peças na universidade, e certo dia em uma visita a Morro Chato fizemos um mutirão, onde Zé do Boi coordenou a confecção das peças. Após aquela tarde de oficinas, deixamos na escola algumas peças para serem terminadas pela professora de artes Nídia Brovedan e seus alunos levamos outras para terminarmos na UNESC. Após terminadas voltamos a escola para mais um dia de oficinas, mas desta vez com todas as peças já prontas, tivemos ensaios teatrais e musicais. Quet Silva junto de Samuel Garcia da Silva Junior, compuseram uma música para o grupo, e eu coordenei os ensaios teatrais. No começo foi difícil, pois nenhum aluno havia visto antes uma apresentação de Boi-de-mamão, mas aos poucos foram se soltando. No dia 13 de agosto de 2022, o grupo teve sua primeira apresentação no Salão de festas da Igreja, durante o bingo da escola, que reuniu toda a comunidade para ver, após mais de 40 anos, um Boi dançar novamente no Morro Chato.

5. DOIS LUGARES DE FALA: UM ESTUDANTE DE ENSINO MÉDIO QUE ASSUME O LUGAR DE BOLSISTA DE EXTENSÃO E APRENDIZ DE PROFESSOR DE ARTE.

Até o dia em que havia me matriculado no curso de Artes Visuais, nunca havia pensando em seguir a vida como artista, muito menos professor, o que sei é que trilhei esse caminho com brilhos nos olhos, me apaixonando por cada nova descoberta, aprendo todo dia um pouco mais sobre a vida e agradeço poder enxergar ela através da arte.

Meu trajeto como licenciando de artes visuais me proporcionou as experiências dos estágios obrigatórios, que foram momentos que tive a oportunidade de ir para sala de aula sob supervisão de outro professor aplicar um plano de aula, plano esse pensado e revisado em sala de aula. Durante meus estágios sempre pude escolher em comum acordo com a escola o tema de minhas aulas, e fiz questão de envolver Boi-de-mamão em algumas delas, experiências essas que pretendo relatar aqui.

5.1 OS PROJETOS DE ESTÁGIO

Em 2021 sob orientação da professora Katiuscia Mikaela, iniciei o Estágio II - Ed. Infantil e Séries Iniciais, onde era necessário desenvolver e por em prática um plano de aula para Ed. Infantil e outro para Séries iniciais. Graças ao Boi-de-mamão e a Cultura Mamoeira, conheci várias escolas e professores e sempre pude escolher para ser meu supervisor um professor que conhecia o trabalho. Durante minhas apresentações, sempre achei interessante o jeito que Sheila Brigido lidava com sua turma de Ed. infantil, sempre cantando e fazendo brincadeiras. Pedi para fazer o estágio com a turma dela na E.M.E.B. Casemiro Stachurski. Os primeiros dois encontros apenas observei e brinquei com os alunos também. Mas percebi que Sheila trabalhava muito com o lúdico, levava frutas de plástico, painéis e saía cantando e puxando as crianças para cantar junto com ela, o que tinha na sopa do neném. Ela me explicava que criança aprende brincando, cantando e ouvindo histórias e a partir daí fui elaborando um plano de aula. Percebi que sabiam todas as músicas de Mundo Bitá e Galinha pintadinha, e lembrei do canal Meu Boizinho que traz músicas de boi-de-mamão com clipes animados para o público infantil. Além do desenho Papaya Bull, que

conta a história de uma ilha onde toda criança quando nasce ganha um Boi-de-mamão. Enquanto as crianças ouviam as músicas de Boi-de-mamão convidei-as para dançar, e logo estava a sala toda dançando, inclusive a Sheila.

A cultura popular, portanto, concebida como um sistema outro de conhecimentos, sentidos e significados, seria capaz de resgatar para a escola no processo educacional, toda riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana. (Silva, 2008, p.17)

Após nossa dança ensinei a música “Vamos Moreninha”, uma das mais clássicas músicas de Boi-de-mamão. Nessa hora descobri que o tempo da criança é diferente do nosso, e que devemos estar preparados para imprevistos. Sheila me sugeriu começar com a música do “Boi da Cara Preta” que eles já conheciam e ir cantando um pouquinho da música da “Moreninha” ao longo dos encontros. E foi o que fiz, no nosso último encontro levei a apresentação de Fantoches do Cultura Mamoneira. As crianças adoraram e algumas delas assistiam a apresentação dançando, batendo palmas e interagindo com o personagens. Após, a apresentação tentei mais uma vez cantar com eles a música da “Moreninha” e após algumas tentativas as crianças saíram cantarolando a música do Boi-de-mamão, e eu saí com sensação de missão cumprida.

Imagem 34: Cultura Mamoeira na turma de Ed. Infantil da escola E.M.E.B. Casemiro Stachurski - 2021



Fonte: acervo do pesquisador

Em 2022, tive a oportunidade de no Estágio III - Ensino Médio, ser orientado pela Professora Aurélia Regina, e supervisionado pela professora Marlene Pizzeti de Souza, atual professora de artes da escola E.E.B Gov. Heriberto Hulse. Ao chegar na escola fui recebido com carinho por todos os professores e funcionários, e a pergunta que eu não parava de ouvir era: quando vai vir reviver nosso Boi? Descobri que desde aquela última apresentação que tivemos no encontro de Bois de Garopaba o Boi do Heriberto não dançava mais, pois durante a pandemia o grupo ficou desativado e não havia mais nenhum aluno daquela época para tomar as frentes do ensaio. Topei o desafio e de fazer o Boi do Heriberto voltar a dançar. Aquele Boi representava muita coisa na minha formação, não apenas na minha e foi por isso que convidei Quet Silva e Gracy Vianna, ex-brincantes desse Boi e Samuel Jr. atual bolsista do projeto de Extensão Boi na comunidade. A turma a ser trabalhada era um terceiro ano do ensino médio da turma noturna, eles se queixavam das aulas serem cansativas após um dia de trabalho, pois quase todos ali trabalhavam durante o dia.

Para esse projeto voltei a olhar minha escrita do projeto do Pibid sobre montar um grupo de Boi, porém aquele Boi já estava criado, precisava ser reativado. Mas antes revivi a história daquele Boi. No primeiro dia de atuação levei os alunos para a sala multimídia, e expliquei o que era o Boi, sua história. Depois comecei a mostrar vídeos de apresentações antigas, a partir disso consegui traçar conversas com os alunos, descobri que um dos alunos era do Nordeste e tinha visto apresentações do Boi-Bumbá. Então ele me contou as diferenças entre as duas apresentações. Ele me dizia como os pajés revivem o Boi e eu como a Benzedeira faz. Foi uma troca muito rica a troca de experiência é algo muito importante. Tardego nos traz algumas reflexões sobre isso “sem diálogo e escuta há trabalho educativo? Sem a participação do outro, há existência de uma escola, como lugar que guarda e compartilha o conhecimento com os mais jovens?” (TARDEGO 2016, p.125). Faltando 20 minutos para acabar a aula, levei os alunos para o pátio da escola, peguei algumas peças do Boi e deixei-os experimentá-las.

Para o segundo encontro levei Quet, Gracy e Samuel para ministrarmos uma oficina de música No começo foi difícil, por conta da timidez. Os alunos não queriam cantar em público. Eu estava ficando preocupado de não termos uma cantoria para o dia da apresentação. Quando do meio dos alunos um rapaz grita: e se a gente se

dividir em dois grupos e fazer uma competição de quem canta mais alto? Como eu nunca havia pensado nisso antes? Transformar o cantar em um jogo, e isso funcionou muito bem. Acompanhados do Violão, tambor e pandeiro, cantaram toda a canção do Boi do Heriberto, uma estrofe cada grupo.

Para o terceiro dia mais de oficina, mais dificuldades com a timidez, pois era dia de ensaiar a parte teatral. Mas eu já havia passado por isso diversas vezes e sei que é necessário um começar para os outros irem, comecei encenando e puxei o aluno mais falante da sala para o centro da roda. Comecei a improvisar, ele para fazer graça caiu na brincadeira e foi respondendo. Fomos chamando os personagens e um a um eles foram entrando na roda. Naquele dia a relação de professor e aluno parecia não fazer mais tanta diferença, pois estávamos todos juntos nos divertindo, principalmente eu que pude reviver um pouco de como foi meu início no Boi. Vi a máscara do Urubu ser disputada, a máscara que usei na primeira vez que brinquei de Boi-de-mamão para se esconder e vi mais uma vez esse personagem roubar cena na hora que entrou.

Imagem 35: Urubu vai bicar o Boi enquanto o Dotô tenta revivê-lo. 2022



Fonte: acervo do pesquisador.

Vi uma turma que tinha vergonha de cantar, cantando para toda a escola no quarto dia de atuação, onde fizemos um ensaio aberto. No início me falaram que turma de terceirão principalmente da noite não ia querer brincar de Boi. Acredito que esses pensamentos e comentários é o que desmotiva o professor. Julgar uma turma antes mesmo de tentar apresentar o plano por não conhecer pode limitar muito o professor.

Segundo Tardego “quando o professor experimenta “ele tem contato com as potencialidades, limites e erros, tornando-se o mais presente no cotidiano e consciente do papel docente na escola” (2016, p.124). Descobri que alguns dos alunos daquela turma já haviam sido alunos do Marcos no passado e adoravam dançar o Boi, mas ao trocarem de escola perderam essa oportunidade. Percebi então que “Quem escuta se opõe às falas autoritárias, formatadoras do ser e do fazer do outro, aos poucos menosprezam a capacidade intelectual alheia.” (TARDEGO 2016, p.126). Aqueles adolescentes passavam o dia todo no trabalho e muitas vezes não tinham tempo nem para se divertir. Proporcionar a eles a experiência de brincar e aprender algo tão antigo e que é ao mesmo tempo tão novo para eles, era o que eles precisavam. Pude ver os olhos deles brilharem, naquele momento percebi que não há idade para brincar de Boi-de-mamão. Desde o aluno de Ed. Infantil de 4 anos ao estudante de ensino médio de 17 anos a maioria, todos dançaram o Boi e todos aprenderam brincando.

Imagem 36 - Grupo Folclórico Boi de Mamão do Heriberto, formação de 2022.



Fonte: acervo do pesquisador.

Foram inúmeras as experiências que o Boi-de-mamão me proporcionou, e diversos os grupos que cruzei por esse caminho, mas o grupo que irei apresentar a seguir me ensinou a amadurecer, a ouvir o próximo, a ser mais responsável, me fez me enxergar como um artista e professor. Quando me refiro a professor neste capítulo me refiro ao papel de oficinairo, a qual tive toda a experiência de planejamento de aula, reuniões de professores, chamadas e relatórios de aula. Na função de oficinairo posso focar em um tema específico e que me dá a possibilidade de “quebrar as paredes” e as aulas acontecerem em outros espaços, para além do espaço formatado da sala de

aula, dialogando, assim, com os anseios dos alunos, que no meu caso foram as oficinas de Boi-de-mamão na Instituição Espírita e Ponto de Cultura: Casa da Fraternidade.

5.2 A CASA DA FRATERNIDADE E A EXPERIÊNCIA DE SER OFICINEIRO

Imagem 37: Estandarte e Boi-de-mamão da Casa da Fraternidade.



Fonte: acervo do pesquisador.

A Casa Da Fraternidade foi fundada em 08/11/1987 no bairro Lagoão em Araranguá. Ela é uma organização assistencial, educacional e cultural, que vem prestando assistência a qualquer pessoa em situação de vulnerabilidade social. Desde 2001, promove através do “Ponto de Cultura Juventude Luzes do Amanhã” diversas oficinas como por exemplo: canto, musicalização, balé, Boi-de-mamão, violão, artesanato, artes visuais, etc. São mais de 600 pessoas atendidas diretamente e mais de 2.000 indiretamente.

Meu primeiro contato com a Casa da Fraternidade se deu por conta do projeto Boi na Comunidade, quando entrei no projeto como bolsista em 2019. Projeto se preparava para atender outra instituição de ensino, e a selecionada era a Casa da Fraternidade. A diretora da instituição Catia Hahn, também era acadêmica de Artes visuais e bolsista do projeto: naquele momento ela ocupava 2 lugares, pois estava auxiliando na construção do Boi-de-mamão de sua própria comunidade ou melhor “revivendo” o Boi-de-mamão. Digo revivendo, pois em 2013, seu falecido esposo Alex já havia construído um Boi-de-Mamão com os alunos da instituição, boi esse que encerrou suas atividades. Pela questão do tempo e o fato de ter sido armazenado em um sótão que pegou umidade, acabou se perdendo as peças.

Os primeiros passos para reviver o Boi-de-mamão da Casa da Fraternidade era apresentar a proposta para os alunos, e contextualizá-los, tarefa essa que foi feita por

Cátia. O segundo passo era a construção das peças. Geralmente produzimos as peças na sala Z1 na Unesc, mas certa vez professora Silemar nos levou na instituição para produzirmos lá. Ela teve a ideia de moldar a cabeça do Boi em argila, e depois papietá-lo, e assim fizemos. Minha tarefa era modelar os chifres; eu não tinha técnica nenhuma, mas queria fazer parte da construção do Boi. Até hoje meus alunos me perguntam por que o chifre do Boi é torto e eu conto essa história, gosto dela, pois, ela nos diz que não devemos desistir antes de tentar, tudo é um processo, e cada um tem seu tempo. Nessa época eu ainda estava coordenando o Boi do Heriberto, e simultaneamente visitava a comunidade e tinha todas as experiências com os professores já citados anteriormente, inclusive as peças que estávamos produzindo na Z1 no dia que conheci o Zé o do Boi eram as da Casa da Fraternidade.

Quando terminamos de confeccionar as cabeças dos personagens, organizamos um mutirão na instituição, convidamos os alunos, os pais, a comunidade do Bairro Lagoão, voluntários da Unesc, Zé do Boi e o grupo de Boi-de-mamão do Heriberto. Enquanto Zé do Boi ministrava a oficina de confecção de corpos dos personagens utilizando taquara verde, os voluntários da Casa da Fraternidade confeccionavam as roupas, e eu, Quet e Gracy, estávamos reunidos novamente ministrando uma oficina de musicalização em Boi-de-mamão. Aquela atividade que realizamos semanalmente ainda na época de escola. As peças ficaram prontas em um dia de mutirão, e no finalzinho da tarde o Boi do Heriberto se apresentou para os alunos da Casa da Fraternidade, que ficaram encantados e quiseram por seus bichos para dançar também. Então juntamos os professores, alunos e voluntários para compor a cantoria e banda. A música Quet Silva havia composto especialmente para aquele grupo e então eu me via em meio aqueles olhares brilhantes de quem dançava o Boi-de-mamão pela primeira vez. Senti através dele a sensação de dançar pela primeira vez, aquela sensação de felicidade; e eu lá, coordenando o grupo de dentro da apresentação como o vaqueiro “que é aquele que entra na arena fazendo as vezes de toureiro e vai dirigir o espetáculo como um domador de circo ou mesmo toureiro, em uma corrida de touros. “(PEREIRA, 2010, p. 100). Eu não o vejo como um domador de circo, mas sim bardo, um personagem que conta histórias através de músicas e encenações, aquele que resolve viver sua vida contando para os outros a forma que vê o mundo.

Alguns meses se passaram desde o dia que revivemos o Boi da Casa da Fraternidade, quando Catia entrou em contato comigo me convidando para coordenar

os ensaios do grupo de lá. Araranguá era 1 hora de ônibus de Criciúma, mas mesmo assim não pensei duas vezes e aceitei na hora.

No primeiro ano como oficineiro da Casa da Fraternidade eu ainda estava bem cru, e diferente do Heriberto, na instituição havia muitas crianças mais novas, o Bairro Iagoão em Araranguá é considerado um bairro marginalizado, e as histórias de vida que os alunos carregam vem à tona nas aulas. Muitas das vezes por falta de comunicação em casa essa criança precisa falar em um lugar onde se sinta acolhida, e acolhimento é uma das palavras que caracteriza a Casa da Fraternidade. Através dos alunos e colaboradores, aprendi a ouvir essas crianças, aprendi a receber o afeto deles e retribuir, assisti isso ter um efeito positivo enorme nas aulas, a própria “aula de Boi-de-mamão”, é uma brincadeira, onde as crianças são quem quiser. Através do improviso dão sua cara a brincadeira e fazem piadas que pegam todos desprevenidos, a inocência de uma criança brincando é a coisa mais linda que já vi na vida, é isso que move meu trabalho, colher esse sorrisos, é isso que professora Silemar queria me dizer quando falava que ainda tem brilho nos olhos por lecionar.

Após alguns meses de ensaio, o grupo se apresentou no 5º Encontro de Bois de Mamão da Unesc em 2019, apesar de alguns imprevistos o grupo conseguiu terminar sua apresentação e receber os aplausos do público. Naquele dia tive uma experiência bem completa de um encontro de Boi-de-Mamão. Auxiliei na organização do projeto pelo projeto Boi na Comunidade e coordenei e me apresentei pelo grupo de Boi do Heriberto e da Casa da Fraternidade, além de auxiliar na parte musical da apresentação do Boi da Julieta do professor Marcos. O dia estava cheio, mas me sentia vivo a todo momento, a vontade que tinha de ver a cultura do Boi-de-mamão voltar a circular na região estava se realizando aos poucos. Claro que graças a todo um coletivo de professores, artistas e mestres que têm em comum as histórias e a paixão pelo Boi-de-mamão.

Após aquela apresentação seguimos ensaiando mais um tempo até que em 2020 tivemos a pandemia do Covid-19, onde toda a classe de educadores e artistas tiveram que se reinventar, e comigo não foi diferente. Durante esses anos ministrava aulas de Boi-de-mamão de forma remota, aumentei minha rede de contatos com artistas através de lives que fazia no instagram da Casa da Fraternidade, onde entrevistava grupos de Boi-de-mamão como pequeninos grupo de arte, Encantados contadores de Histórias e a banda Tarrafa Elétrica. Nessa época também criei uma

série de vídeos junto ao mestre Zé do Boi, onde eu tinha o objetivo de explicar qual a função que cada personagem tinha no enredo, qual a sua história na brincadeira, ao total foram produzidos 9 vídeos, cada um falando sobre 2 ou 3 personagens. Meu intuito com esse vídeo era poder registrar esses conhecimentos de Seu Zé, para que não seja perdido com o tempo, tinha intenção de valorizar o mestre popular, além de fornecer material de pesquisa para professores ou qualquer um que fosse que gostaria de montar um boi. Em 2020 a instituição também recebe o Prêmio Elisabete Anderle (2020), com o Projeto Ressuscitando um Boi de Mamão, e com isso os retornos financeiros aumentam, e começo a perceber que viver de Boi-de-mamão poderia ser possível. Em 2021 os ensaios voltaram a acontecer, seguindo todas as medidas de proteção, e aí mais uma vez precisei reaprender a coordenar as aulas, pois os alunos não podiam compartilhar os personagens, instrumentos e figurinos. Além da dificuldade de ensaiar, por conta do isolamento ainda não podíamos nos apresentar o que desmotiva os alunos, manter o interesse dos alunos na oficina nesta época se tornou uma dificuldade, pois após meses de isolamento estavam muito condicionados a vídeo games celulares e televisão, mas aos poucos isso foi mudando, e os alunos começaram a demonstrar precisarem de contato humano, mesmo seguindo um isolamento, nos ensaios eles podiam se ver, cantar juntos, e tocar, cada um no seu instrumento. Isso demonstra muito a importância de um ensino afetivo, o aluno precisa se sentir bem e seguro no ambiente onde estuda para conseguir se desenvolver precisa estar bem alimentado, para poder se focar, e precisa desse afeto. Aos poucos as coisas iam voltando ao normal, e voltamos a nos apresentar, escolas, praças eventos da prefeitura e até para o governador, nosso grupo começou a ficar popular nos eventos da cidade, o número de alunos que se inscreviam para a oficina aumentava, a ponto de ser dividido em várias turmas, a primeira a turma é a de Confecção e Restauro de Personagens, pois é, após tanto observar a professora Silemar, o Marcos, a Juliana, a Bárbara, o Samuel e o Zé do Boi, acabei aprendendo algumas técnicas e hoje compartilho com meus alunos.

A segunda turma é a infantil, onde os alunos dançam e interpretam utilizando peças mirins doadas pelo Zé do Boi e restauradas pela Cátia Hahn junto aos alunos da oficina de restauro de personagens.

A terceira turma é a de Teatro avançado, onde participaram alguns alunos que estão desde o início do projeto, geralmente interpretam a vaqueira, a narradora, o doutor e a benzedeira, pois estão mais acostumados com a apresentação e falas.

A quarta turma é a de Teatro para iniciantes, onde recebo os novos alunos, contextualizo as aulas, o objetivo da oficina, e começou a ensinar a dança dramatúrgica do Boi-de-mamão, e aos poucos ensinando personagem por personagem, até o aluno estar apto para ir para a turma avançada, e nas apresentações manuseiam o boi, cabrinha, urubu, maricota e personagens que geralmente não possuem falas.

E por último a turma de musicalização de Boi-de-mamão, confesso que ministrar essa oficina foi das coisas mais difíceis que já fiz na vida, apesar de brincar de Boi-de-mamão desde a adolescência, eu não participava da banda ou cantoria, e nunca havia praticado, mas uma vez Cátia me disse que eu era Menino do Boi, eu precisava aprender a tocar Boi-de-mamão se eu quisesse um dia me tornar um mestre, ela estava certa, mas queria dizer que era fácil, comecei a fazer aulas particulares de percussão com meu amigo Fabrício Poeta, eu possuía muita dificuldade, e demorei cerca de 3 meses para começar a tocar o básico, até hoje estou longe de se considerar profissional mas sigo praticando e melhorando a cada dia, o Boi da Casa da Fraternidade é um considerado um Boi de Batuque, mesmo que algumas vezes seja acompanhado por violão na maioria das vezes utiliza apenas atabaques, zabumbas, pandeiros, agogôs e triângulos acompanhando as vozes. Graças a verba do Prêmio Elisabete Anderle podemos dar a experiência aos alunos de gravarem em um estúdio, além de irem fazer um intercâmbio em Florianópolis com grupo de Boi-de-mamão do Santo Antônio, que após alguns meses veio até Araranguá para o I Encontro de Boi da Casa da Fraternidade.

A experiência que tenho como oficinairo na Casa da Fraternidade, me faz acreditar em uma educação afetiva e inclusiva através da arte, me faz entender aquela fala clichê que todo professor fala “eu aprendo mais com vocês que vocês comigo”, pois isso é verdade, aprendemos a ser mais humanos.

Somos quem somos e somos até mesmo “racionais”, porque somos seres “aprendentes”. Somos seres vivos dependentes de estarmos a todo tempo de nossa vida - e não apenas durante algumas “fases” dela - aprendendo e reaprendendo. Somos pessoas humanas que dependem inteiramente dos

outros e de nossas interações afetivas e significativas com eles para aprendermos até mesmo a sermos... pessoas. (BRANDÃO, 2008, p. 26)

Aprendemos a acreditar no potencial de mudança, cada experiência dentro desta instituição, somou para minha formação com professor e artista. Outra experiência que somou em minha carreira de professor Artista sem dúvidas foi o projeto Cultura Mamoeira.

5.2 A CULTURA MAMOEIRA E A PANDEMIA

Como citado anteriormente a pandemia causada pelo covid-19 fez com que todos aprendessem a se reinventar e comigo não foi diferente, com as incertezas sobre o futuro e como prosseguir com meu trabalho com o Boi-de-mamão busquei outros caminhos para que isso acontecesse. Fiquei sabendo pelo Max sobre as Leis de incentivo à cultura, mais especificamente a Lei Aldir Blanc de 2020. Certo dia estava em casa conversando com Quet quando propus escrevermos um projeto para este edital.

-Mas o projeto vai ser sobre o que?

-Boi-de-mamão, é claro!

-Mas estamos em uma pandemia e não podemos reunir um grupo!

-Mas e se a gente montar um grupo só eu e tu?

-E apresentar só com dois personagens?

-A gente pode interpretar vários!

-Mas o Vaqueiro e a Narradora não podem sair de cena!

-E se a gente fazer 4 personagens por vez?

-E como vamos fazer isso?

-Eu tenho 2 mãos e você também! E se fizermos teatro de fantoches?

-Mas a gente não sabe fazer teatro de fantoche, e nem escrever edital...

-Mas a gente pode tentar, bora?

-Bora!

Quet sempre me apoiou e trilhou comigo esse caminho de professor artista, pois a mesma além de artista também é acadêmica de Letras. O processo de escrita do projeto para o edital foi bem difícil, exigia muita leitura e documentos. Durante toda a

escrita do projeto Max e Alice Meis (ex-produtora cultural do setor de Arte e Cultura) me auxiliaram esclarecendo dúvidas e dando ideias. Nosso projeto consistia na montagem de um espetáculo de Boi-de-mamão em formato de fantoches que circularia nas escolas e espaços de arte da região, pensando sempre em levar até esses espaços a arte e cultura local. Poder proporcionar a oportunidade que recebemos no Boi do Heriberto de conhecer esse folguedo e poder se encantar por ele foi sempre nosso objetivo principal.

Os meses se passaram e veio a notícia de que havíamos aprovado nosso projeto. As coisas estavam dando certo, eu estava me tornando um produtor cultural, um artista e ao mesmo tempo um educador, pois mesmo quando estou me apresentando com o Boi-de-mamão estou na função de passar um conhecimento, passar uma tradição, não deixo de me tornar professor para ser artista, e nem deixo de ser artista para me tornar professor, ocupo esses 2 lugares a todo momento.

Assim que a verba caiu na conta deu-se início a construção de um sonho, toda a verba foi investida na criação do grupo, cada centavo foi gasto em equipamento de áudio e filmagem, além de tecidos para confecção de personagens.

A criação de personagens é algo que amo fazer desde a infância, poder criar um ser com histórias, personalidades e dar vida a ele é uma das coisas que mais amo fazer, e para a criação dos personagens fomos buscar inspirações, não mais em desenhos e vídeo-game, esse projeto exigia mais estudo, e agora eu era um pesquisador. Passei a estudar as lendas e mitos do folclore, buscava em acervos imagens e informações sobre grupos antigos, esse estudo rendeu a criação de 14 personagens. Clássicos como o Boi, Cabrinha, Maricota e Bernúncia e lendas do folclore como a Cuca, que nesse enredo faz o papel da benzedeira e revive o Boi e Anhangá, que tem o papel de afugentar o Urubu, além de trazer como personagens principais o Menino do Boi e a Catarina, que eram personagens feitos a partir de nós mesmos.

Após a criação dos personagens escrevi o roteiro e Quet a música “A Cultura do Amor”, que acompanha o enredo teatral e traz para a peça a essência do Boi-de-mamão, uma história cantada. As peças foram criadas a partir de desenhos que fiz a base para estruturas das peças eram garrafas plásticas, e todos os personagens eram feitos de feltro. A Partir de meus desenhos e os tecidos escolhidos por mim e Quet um a um, Evelyn costureira muito habilidosa do bairro Próspera produziu todos nossos

personagens. Enquanto ia construindo os personagens íamos gravando esquetes de apresentação de cada personagem, com um pequeno enredo de até 2 minutos, gravamos em casa e em praças, e postamos em nosso canal no instagram. Gravar aqueles esquetes era uma das ideias mais divertidas que pude ter na pandemia, passamos a tarde produzindo, gravando e rindo.

Quando as peças estavam todas prontas e o palco de teatro também, começamos os ensaios, manipular 2 personagens simultaneamente era algo muito difícil, precisamos desvincular o nosso lado direito do esquerdo, exigiu muito treinamento, treinamento este que precisa ser feito regularmente até hoje. Criar vozes não era nada fácil, e decorar um roteiro também não, claro que havia improviso em nossa história, afinal de contas era Boi-de-mamão, mas precisava ser um improviso consciente, pois precisávamos sincronizar 2 vozes e 4 mãos.

Imagem 38: Cultura Mamoneira se apresentando na escola EebPe Miguel Giacca- 2021.



Fonte: acervo do pesquisador.

Nossas primeiras apresentações foram em escolas de professores amigos nossos, que quando souberam do projeto fizeram questão que fossemos em sua turma, isso nos dava um gás para acreditar mais em nosso trabalho, professora Juliana, Marcos e Sheila foram os primeiros professores a nos convidar, e os primeiros a nos apresentar como artistas para uma turma. Ao todo fizemos 21 apresentações em

18 escolas durante o ano de 2020. Todas elas acompanhadas de oficinas artísticas de criação de personagem através de dobradura de papel, pois sentia a necessidade de deixar um pouquinho da cultura do Boi-de-mamão para os alunos, e que forma melhor do que dando a experiência de criar seu próprio Boi, dar nome e criar uma história? Inclusive quem me ensinou essa técnica foi a professora Juliana.

Um dos momentos que nos marcou muito como grupo, foi o contato com a professora Malu, da escola Giacca, que após nossa visita para uma apresentação, nos convidou mais uma vez a escola, e sem nos contar nada nos pôs na plateia para assistir o “Cultura Giacca Mamoneira” grupo criado inspirado no Cultura Mamoeira e que narrava a própria versão deles da história, e eu gosto que a apresentação começa com “Outro dia o Menino do Boi e a Catarina vieram aqui na escola e...”

Imagem 39: Apresentação do Cultura GiaccaMamoeira. 2021



Fonte: acervo do pesquisador.

Um dia essas crianças podem esquecer nossos nomes, ou quem somos, mas nunca esquecerão a experiência que foi se apresentar para um público, a experiência de criar essa história, essas são experiências que ficam, é por essas experiências que optei por continuar na licenciatura em Artes Visuais.

Se abordamos a vida das pessoas na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais elas se exprimem, e as múltiplas facetas que elas evocam de seu percurso, é realmente difícil não tomar consciência das sinergias positivas ou negativas entre as dimensões psicossomáticas,

psicológicas, sociológicas, antropológicas, sócio-históricas, espirituais, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, assim, da identidade. (JOSSO, 2007, p. 416)

Não consigo desvincular mais o artista do professor que a mim, tive meu contato com a arte na escola, a escola e a arte estão vinculadas como uma só para mim desde meu primeiro contato, minhas primeiras apresentações de Boi-de-mamão foram em escolas, minhas apresentações com a cultura Mamoneira foram em escolas todo meu percurso como artista passa pela escola, e esse percurso foi o caminho que escolhi trilhar, o caminho do professor artista.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo responder ao problema que a inspira, ou seja, ampliar reflexões no intuito de melhor identificar quais as possíveis contribuições da brincadeira do Boi-de-Mamão na formação dos sujeitos que com ela se envolvem, considerando as narrativas autobiográficas de quem se faz aprendiz de professor de Arte. Iniciei dialogando com Josso que nos diz que “o campo da formação de formadores não pode limitar-se apenas as dimensões técnicas e tecnológicas e necessita de uma compreensão mais profunda dos processos através dos quais as pessoas se formam (2004 p.11). Foi através do desejo de compreender o processo que fui me tornando professor, artista e pesquisador, desejo este que moveu o iniciei dessa pesquisa.

É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura (BRASIL, 2018, p. 193).

O tema escolhido foi o Boi-de-mamão que como já explicado no texto foi o que me trouxe até a universidade e me fez enxergar o mundo com o olhar da arte. Para compreender quais as possíveis contribuições da brincadeira do Boi-de-mamão na formação dos sujeitos que com ela se envolveram, primeiramente fiz uma extensa pesquisa sobre as possíveis origens dessa brincadeira, e qual sua história e importância. Para tanto, dialoguei com pesquisadores da área como Doralécio Soares (1978), Nereu do Vale Pereira (2010), Elza de Mello Fernandes (2008), Peninha (2017) e Câmara Cascudo (2001) que trazem em sua pesquisa além de informações, um pouco de sua vivência com a brincadeira. Fui revendo algumas histórias, entre elas que a origem do Boi-de-mamão não é açoriana, e nem mesmo se tem certeza de onde essa brincadeira surgiu, apenas histórias que se cruzam e podem nos dar algumas pistas de sua origem. Informação que nos revela a importância de se escrever essas histórias, a importância de se pesquisar o folclore e manter viva a cultura popular, pois é a cultura do povo e assim como na brincadeira do Boi-de-mamão nós brasileiros

somos a miscigenação de várias culturas que resultaram em algo novo e único. A BNCC nos traz como competências específicas de arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades. (BRASIL, 2018, p.198)

Para entender o porquê essa brincadeira me encantou logo na primeira vez que a conheci em minha adolescência, busquei entender o que me encantava naquela brincadeira, percebi que a liberdade de criação, a ludicidade presente, a capacidade de improvisação, a arte que emana de toda a apresentação era a mesma energia que sentia ao brincar quando criança. Afinal, o Boi-de-mamão é uma brincadeira, percebi então que desde minha infância o “brincar de contar histórias” se foi presente, como uma válvula de escape, uma maneira de se sentir aceito, quando contava uma história me sentia vivo, sentia que saciava um desejo presente em mim. Desejo esse que se manifestou de diferentes formas em minha formação, seja brincando, contando histórias escrevendo ou atuando. Após analisar minha infância pude entender que durante minha vida busquei formas de me sentir aceito e preencher algo que faltava, eu tinha sede de arte.

Ao ter meu primeiro contato com o Boi-de-mamão pude perceber o poder transformador e motivador que a arte tem, mas quando adentrei no curso de artes ainda muito confuso, uma pergunta me atormentava, que tipo de professor (ou de artista professor) eu sou? A experiência dentro do Curso de Artes Visuais foi essencial para responder essa pergunta, pois dentro dele pude experimentar diferentes técnicas e ter acesso a diferentes conhecimentos, tive contato com a Extensão universitária e logo me via como aprendiz de professor, e a pergunta mudou para eu serei artista ou professor quando me formar? Indo atrás dessa resposta passo a revisitar todo meu processo de formação, todas as experiências que considero fundamental nesse processo e percebi como a relação com o próximo foi fundamental nesse desenvolvimento. Entrei na escola Gov. Heriberto Hulse como um garoto tímido, com poucos amigos, com baixa autoestima, e estudando apenas o suficiente para atingir a

média, e após ter contato com o Boi-de-mamão sai de lá me sentindo ousadamente um artista. Queria aparecer, ser ouvido, havia feitos dezenas de amigos, uma namorada e tinha experiência de passar dia inteiro na escola fazendo atividades extracurriculares. Ao analisar minha formação percebo que arte nunca teria sido uma escolha em minha vida se não fosse as experiências que tive ao lado da professora Silemar, desde meu primeiro contato com ela pude perceber a importância do afeto na educação, de se fazer as coisas com amor e acima de tudo com brilho nos olhos, entende a importância de dar autonomia para o aluno, mas também impor limites, percebo que desde o ensino médio ela vem tentando me ensinar isso.

A oportunidade que tive de adentrar no curso de artes como bolsista de extensão foi sem dúvida outro ponto essencial em minha formação, pois pude pesquisar analisar, e compreender a importância de se manter viva a brincadeira do Boi-de-mamão. Circulando pelas escolas e comunidades, pude adentrar nessas comunidades e trocar experiências, pude conhecer professores, pesquisadores e artistas que tinham essa paixão em comum pelo Boi-de-mamão como eu, e pude aprender com eles. Segundo Martins “aprendemos a ensinar do mesmo modo que nossos professores, os quais por sua vez aprenderam com seus mestres.” (2008, p.61). Silemar, Lenita, Max, Zé do Boi, Juliana, Marcos, Catia, Sheila e Quet foram pessoas que cruzaram sua história com a minha, e deixaram contribuições em minha formação como artista, pesquisador e educador. Pude vivenciar e entender o poder transformador de uma educação afetiva junto a professora Silemar que foi uma espécie de mãe durante todo meu trajeto na universidade. Pude ver a vontade da professora Lenita de tornar a universidade um lugar mais cultural se tornar realidade nos vários eventos realizados. Pude aprender a dança dramatúrgica do Boi-de-mamão com o Max e a como ministrar oficinas para adultos. Pude presenciar Zé do Boi ministrar inúmeras oficinas e falar do Boi-de-mamão com amor, pude aprender com ele mais sobre a história do Boi-de-mamão, como confeccionar as peças de Boi-de-mamão como “antigamente”, pude ter a experiência de ser aprendiz de mestre de Boi-de-mamão. Pude ver todo o esforço de uma professora mobilizando uma comunidade para a criação de um Boi-de-mamão com a Juliana. Descobri com o professor Marcos que não deixamos de ser artistas quando viramos professor, somos artistas etc, podemos fazer de nossa aula um lugar de experimentação, a própria experiência da aula é uma obra criada. Cátia acreditou em mim a experiência com a Casa da Fraternidade, experiência

que me transformou e com certeza nunca esquecerei os momentos que passo lá, posso vivenciar semanalmente a energia e os brilhos nos olhos de meus alunos ecoando pela tenda de ensaio, ouço as cantigas de Boi-de-mamão ecoar por toda a instituição, os gritos da vaqueira assustar os visitantes e as gargalhadas quando a Maricota dança funk, leciono minhas oficinas com afeto, e sou retribuído com o afeto de meus alunos, percebo que o educar com afeto é mútuo, pois os alunos retribuem com abraços, sorrisos, e quando o vemos se desenvolver tanto no Boi-de-mamão como quanto pessoas, sinto orgulho de poder por em prática tudo que aprendi em meu caminho, sinto que é uma extensão de todos os ensinamentos que aprendi com meus mestres, professores e amigos, não sou mais uma criança tímida, sou um comunicador, não sou mais um acadêmico assustado por estar matriculado em licenciatura, hoje carrego a bandeira e a missão do educador com muito orgulho, hoje não me pergunto que tipo de artista eu sou, pois:

“Artista” é um termo cujo sentido se sobre-compõe em múltiplas camadas (o mesmo se passa com “arte” e demais palavras relacionadas, tais como “pintura”, “desenho”, “objeto”), isto é, ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo. (Basbaum, 2013, p. 168)

Sou um contador de histórias, um professor artista, um artista etc. Me aceitar como professor e me entender como artista, essas eram minhas maiores dificuldades enquanto acadêmico pensei que nunca ia realmente me ver assim, como as pessoas que eu admirava, mas a brincadeira do Boi-de-mamão me proporciona inúmeras experiências e cruzou o meu caminho com pessoas fantásticas e me mostrou na prática o passo a passo, Boi-de-mamão, me deu confiança, sede de conhecimento, oportunidades, experiências, me ensinou a importância de se ouvir uma história e a de contar também, a importância da pesquisa, me fez passar a ter contato com a dança, teatro, música e artes visuais que segundo a BNCC:

Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (BRASIL, 2018, p.195).

Me fez pesquisar sobre meu estado, sobre arte, cultura, folclore e educação, e todas essas contribuições fazem parte da minha bagagem, bagagem essa que levarei

por toda minha vida como professor, pesquisador e artista, pois esta pesquisa é um ponto de partida, que pode se desdobrar em futuros artigos e publicações.

7 PROPOSTA DE CURSO

7.1 memórias que se cruzam e histórias contadas/cantadas.

7.2 EMENTA: Processos de criação de um grupo de Boi-de-mamão. A origem do folguedo. Confecção de personagens, criação de música e roteiro. Experimentação, montagem do espetáculo e exibição.

7.3 CARGA HORÁRIA: 20 horas

7.4 PÚBLICO-ALVO: PROFESSORES DE ARTES E DEMAIS INTERESSADOS.

7.5 NÚMERO DE VAGAS: 25 pessoas.

7.6 OBJETIVOS:

7.8 Geral: Promover um curso que auxilie professores e demais interessados na construção de um grupo de Boi-de-mamão, desde a origem do folguedo, a criação dos personagens, músicas e enredo.

7.9 Específicos:

- (EF69AR05). Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

- (EF69AR06). Desenvolver Processos De Criação Em Artes Visuais, Com Base Em Temas Ou Interesses Artísticos, De Modo Individual, Coletivo E Colaborativo, Fazendo Uso De Materiais, Instrumentos E Recursos Convencionais, Alternativos e Digitais.

7.10. JUSTIFICATIVA:

O desafio deste projeto é criar um curso que auxilie professores e demais interessados na criação de um grupo de Boi-de-mamão em sua comunidade utilizando os conhecimentos que adquiri em minhas pesquisas. Para propor que é possível se ter a experiência de um grupo folclórico em sala de aula em apenas 8 semanas. De acordo com a BNCC quando “experenciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte” (Brasil,2018); como um das competências específicas de arte para o ensino fundamental e completo citando Elza de Melo quando diz:

O folclore sempre será de origem popular, pois nasce no povo, mesmo que sua origem seja erudita, ele é assimilado e reconstruído pelo saber popular que o recria em músicas, contos, poemas ou entre outras formas, até desaparecer a autoria da obra de origem (FERNANDES; PAVEI, 2016, p. 30).

A partir disso gostaria de evidenciar alguns pontos que me fazem acreditar na importância de se ter um grupo folclórico em sala de aula. Digo por experiência própria que a criação do grupo já lhe dá o contato com diferentes formas de artes, pois o grupo precisa desenvolver as peças através das artes visuais, criar um enredo e ensaiar através do teatro, desenvolver uma coreografia através da dança e desenvolver ritmo e cantoria através da música. Outra importante função deste curso é auxiliar professores da rede municipal com as dificuldades que apresentam quando se trata de ensaiar a parte teatral e a música do Boi-de-mamão, pois mesmo que esteja na BNCC trabalhar esses conteúdos na sala de aula a Formação em Artes Visuais não abrange essas áreas. Outro ponto forte do Boi-de-mamão é desenvolver a confiança dos membros os ajudando a superar a timidez, desenvolve a capacidade de improviso frente a situações inusitadas, desenvolvimento oratório, capacidade de imaginação e habilidade motora, além de proporcionar diferentes ferramentas para se expressar através da arte.

Meu propósito com esse curso é auxiliar no fomento da Cultura do Boi-de-mamão no estado de Santa Catarina através de oficinas práticas e teóricas que

preparem professores para trabalharem o tema em sala de aula, além de criar e coordenar grupos folclóricos em suas escolas e comunidade.

A proposta não é apenas criar o grupo folclórico é também poder demonstrar através da Cultura do Boi-de-Mamão um pouco das raízes culturais de Santa Catarina, contar a história de seu povo pois o Boi-de-Mamão não tem apenas raízes açorianas, muito pelo contrário, diversos pesquisadores e folcloristas defendem que o Boi-de-Mamão é um híbrido das culturas: Açorianas, afrodescendentes, indígenas, hispânicas e há até mesmo relatos de que a Maricota é um personagem que faz alusão às mulheres alemãs que eram muito altas para a época colonizadora, ou seja são histórias que se cruzam, histórias essas que tenho como objetivo cruzar com a história de meus alunos, despertando a paixão e o carinho pela arte popular. Pois o Boi-de-mamão, é uma das culturas mais ricas de Santa Catarina, e com um enorme poder de transformação para quem se deixa encantar por ele.

7.11.METODOLOGIA E CRONOGRAMA:

1 encontro – 4 horas: O primeiro contato com um grupo é um dos mais importantes, por isso iniciaram com uma roda de conversa, conhecendo assim cada professor e descobrindo suas preferências na arte (música, teatro, dança, pintura, etc.). Junto a sua apresentação o professor será instigado a contar como conheceu o Boi-de-mamão e alguma história que vivenciou brincando ou assistindo esse folguedo. Após isso será analisada as histórias dos participantes que será usada para explicar o que o Boi de Mamão, sua origem, história, enredo, personagens, importância cultural e como brincar, ao final das explicações será mostrado alguns personagens já confeccionados o qual vestiram e brincarão para entender como funcionam as peças, além de motivá-los e dar ideias de como confeccionar as peças, após isso será iniciado o processo de escolha de quais personagens serão confeccionados para aquela oficina, onde os selecionados serão desenhados pelos professores para se ter uma ideia de estrutura.

2º encontro – 4 horas: No segundo encontro começará a montagem das cabeças dos personagens, onde será dividido as funções de cada um, onde alguns ficaram nas montagens das estruturas dos corpos em madeira e bambu, enquanto outros confeccionaram as cabeças. Os materiais utilizados serão cola, tesoura, papelão e papel, madeira, Bambu, prego, martelo, tecidos e etc.

3º encontro – 4 horas: O terceiro encontro será para a finalização das peças iniciadas no último encontro, onde após as peças finalizadas, resta decorar o tecido que cobre o corpo dos personagens, neste momento ficará à disposição dos professores matérias para enfeitar as peças, como lantejoulas, fitas coloridas, fuxicos, adornos entre outros.

4º encontro – 4 horas: No quarto encontro se iniciaram os ensaios do folguedo criando seu próprio roteiro, respeitando, é claro, o enredo original, que se baseia na morte e ressurreição do boi, lembrando que a maioria das cenas do Boi-de-Mamão são improvisadas e os brincantes terão liberdade criativa para improvisarem e tornar uma apresentação única e com uma identidade própria do grupo. Mas como não podemos falar em Boi-de-Mamão sem falar em música, será disponibilizada para os professores, letras de músicas tradicionais de Boi-de-mamão e a tarefa de modificarem a letra, colocando referências e até modificando os ritmos para criar uma música com a identidade do grupo e abranger todos os personagens escolhidos pelos participantes no primeiro encontro. Após a letra pronta será realizada uma oficina de percussão com instrumentos simples de fácil acesso, ou até mesmo a possibilidade de serem criados de materiais reciclados.

5º encontro - 4 horas: No último encontro com as peças já finalizadas e música ensaiada será trabalhada a parte teatral do folguedo, onde o ministrante do curso explicará a função de cada personagem e como dançá-lo e interpretá-lo, deixando sempre claro que cada um pode dar sua própria personalidade e identidade para os personagens, sempre seguindo as puxadas que a “cantoria” traz ao decorrer da encenação. Após alguns ensaios a proposta é realizar um cortejo até um local próximo e realizar um ensaio aberto, uma espécie de

apresentação que está aberta a erros e acertos, depois de finalizada a apresentação do ensaio aberto ao público a oficina estará encerrada, pois atingiu seu objetivo, oportunizar a prática e experiência de se viver o Boi-de-mamão, além de técnicas que podem ser reproduzidas por cada um dos participantes com seus alunos, gerando assim cada vez mais difusão dessa cultura na região e cruzando a história das pessoas com a do Boi-de-mamão.

7.12. INFRAESTRUTURA E MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Madeira, pregos, martelo, tecidos, bambu, cola, corda, papel, tinta, tesouras, materiais para enfeite (lantejoulas, fita colorida, fuxicos e etc.).
- Instrumentos de percussão como tambores, pandeiros e chocalhos (Sendo possível confeccioná-los com materiais recicláveis).

REFERÊNCIAS

- Abrahão, M. H. M. B. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. Revista História Da Educação. Pelotas, 2001
- BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc**. 1. ed. - Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2013.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CANTON, Katia. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- CASCUDO, Fernando Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11ª edição. São Paulo: Global, 2001.
- CAVALCANTE, Maria Laura. **Entendendo o folclore**. 2002. Disponível em <<https://marialauracavalcanti.com.br/2020/01/28/entendendo-o-folclore/>> Acesso em: Set. 2022
- DOMÉZI, Maria Cecília. Aparecida se deixa encontrar na curva do rio. CNBB, 2020. Disponível em <<https://ssb.org.br/noticias/aparecida-se-deixa-encontrar-na-curva-do-rio/#:~:text=O%20conceito%20da%20Negra%20Mariama,com%20um%20nome%20afro%20brasileiro>> acesso em 10/11/2022.
- FERNANDES, Elza de Mello. **Raízes do Saber Popular: Os Ritos, os Mitos e o Folclore**. Criciúma: JC DIAS GRÁFICA E EDITORA LTDA, 2008.
- FONTANA, R. & CRUZ M.N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Cantadores do Boi de Mamão: velhos cantadores e educação popular na ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- _____. **Educação Popular e Boi-de-mamão: Diálogos Brincantes**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- INÁCIO, Cristiani & Martins Marta D. **A festa do Boi de Mamão**. 2ª edição. Florianópolis: Cuca Fresca, 2017.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Educação Patrimonial: Manual de aplicação: Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. - Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte: A língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010

OLIVEIRA, Lúcia Luppi. **CULTURA É PATRIMÔNIO: Um Guia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

PEREIRA, Nereu do Vale. **O BOI DE MAMÃO Folgado folclórico da ILHA DE SANTA CATARINA INTRODUÇÃO AO SEU ESTUDO**. Florianópolis: ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA, 2010

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: MAKOWIESCKY, Sandra e RAMALHO, Sandra (orgs.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008. (p. 35-53)

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramento, 2012.

SIMÃO, Maristela. **Catálogo de Exposição Vozes que pulsam Memória e Cultura Afro-brasileira em Santa Catarina**. 2016

SOARES, Doralécio. **Boi-de-mamão catarinense**. Rio de Janeiro: MEC, 1978. 39 p. (Cadernos de folclore nova série ; 27).

_____. **Folclore Catarinense**. Florianópolis: Ed. da UFUSC, 2006

TARDEGO, Carolina Cortinove. Pela presença no mundo: Experimentação, participação e invenção no espaço escolar. In: MATTAR, Sumaya; ROIPHE, Alberto. **Arte e educação: ressonâncias e repercussões**. São Paulo/SP. ECA-USP, 2018. (p. 119 - 129).

_____. Cartografia e autoria docente: A imaginação criadora nos processos de planejamento de ensino. In: MATTAR, Sumaya; ROIPHE, Alberto. **Arte e educação: ressonâncias e repercussões**. São Paulo/SP. ECA-USP, 2018. (p. 250 - 256).

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WIERCHINSKI, Gilmar. **Pesquisa Auto-biográfica: uma introdução metodológica**. Salão do Conhecimento. UNJUÍ - Santa Rosa, 2014. Disponível em <file:///C:/Users/Usuario1/Downloads/3474-Texto%20do%20artigo-14567-1-10-20140812.pdf> acesso em 10/11/2022.